

The background is a stylized illustration. On the left, a tree with a thick, textured trunk and dark, leafy branches stands against a light blue sky. To the right, a building with a prominent staircase is depicted. The staircase is composed of wide, horizontal steps in shades of yellow, orange, and red. The building's facade is a mix of light blue and white. The overall style is graphic and modern, with a color palette dominated by blues, oranges, and yellows.

hallceart

#07

Udesc Ceart: 35 anos mudando a vida das pessoas
Design e Moda realizam projetos no combate à Covid-19
Música e extensão universitária na Udesc Ceart
Artes Cênicas em tempos de pandemia







Foto: Linda Lima

Viva o Ceart!

Em 2020, o mundo todo se deparou com algo que o fez parar: a pandemia do novo Coronavírus – responsável pela doença Covid-19. Porém, diante de todos os acontecimentos e do isolamento social, a vida em si não parou, apesar de tantas perdas de entes queridos em milhares de lares, em todo o planeta.

Para o Centro de Artes (Ceart) da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), que em seu planejamento para 2020 queria viver intensamente os seus 35 anos, não foi diferente. Se reiventando, conseguiu comemorar idade tão importante dessa sua juventude, agora, com mais maturidade e experiência, como trazemos na matéria dos 35 anos do Centro, que abre essa 7ª edição da revista Hall Ceart. Nela trazemos um pouco da vivência (intensa) das professoras Sandra Ramalho e Cristina Rosa.

O ano de comemorações e eventos virtuais, também foi o ano de estarmos próximos, mesmo que distantes, isso porque a universidade inteira se mobilizou na luta contra a pandemia. O Ceart fez sua parte, seja em forma de arte e suas manifestações [com divesas atividades online], ou na produção de equipamentos executados por projetos do Departamento de Design e do Departamento de Moda, que auxiliaram equipes de saúde, mostrando que a universidade é agente ativo na sociedade, e assim como diversos pesquisadores do mundo todo. Contamos isso nessa edição, mostrando que aqui se ensina, se faz pesquisa e extensão, além de difundir cultura e arte, como foi o que aconteceu no Festival Internacional de Arte e Cultura José Luiz

Kinceler – FIK 2020, que chegou à segunda edição consolidado, e preparado para uma próxima, que se tudo der certo, acontecerá em 2022.

Nesse meio tempo, aprendemos mais e compartilhamos experiências, com todos e todas que fazem o Ceart vivo! Por isso, aqui apresentamos diferentes artigos e experiências, para você entender um pouco mais o que é o Ceart e o que ele faz para que num mundo de tantas incertezas, a esperança seja o principal ingrediente da vida.

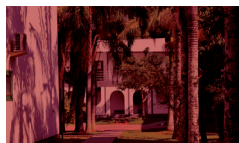
Tenha uma ótima leitura! ■

Foto de capa



Foto: Heloíse Guesser
Arte: Elson Jr

Fotos de entrada e saída



Fotos: Linda Lima e Jerusa Mary
Arte: Elson Jr

quem faz o quê?

Revista Hallcart

Dezembro de 2020
Distribuição gratuita

Universidade do Estado de Santa Catarina

Reitor: Dilmar Baretta
Vice-Reitor: Luiz Antonio Ferreira Coelho

Centro de Artes da Udesc

Diretora-Geral:
Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva
Editora: Heloíse Guesser | MTB: 1864/SC

Conselho Editorial

Presidente

- Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva

Editora

- Heloíse Guesser

Diretor de Arte

- João Calligaris Neto

Diretor de Fotografia

- Cláudio Brandão

Departamento de Artes Cênicas

- Vicente Concilio

Departamento de Artes Visuais

- Célia Maria Antonacci Ramos

Departamento de Design

- Flávio Anthero Nunes Viana dos Santos

Departamento de Moda

- Monique Vandresen

Departamento de Música

- Valeria Maria Fuser Bittar

Representantes Discentes

- Elson Luiz Fernandes Jr
- Vinicius Luge de Oliveira

Projeto Gráfico

- Camila Meyer
- Mariele Fantini

Editoração e Design Gráfico

- Elson Luiz Fernandes Jr
- Heloíse Guesser

Colaboradores desta edição

Artigos e textos

- Anelise Zimmermann
- Beatriz Bastos
- Cristina Emboaba
- Edgar Fuck
- Heloíse Guesser

- Isadora Noali
- João Calligaris Neto
- Karin Vanelli
- Maria Eduarda Marcelino
- Mariana Tomazi
- Maurício Elias Dick
- Raquel Stolf
- Silvana Macêdo
- Vicente Concilio

Fotografias

- Andrea Saviotti
- Bruna ferracioli
- Bruno Ropelato
- Carlos Eduardo Romão
- Carol Ramos
- Danielle Milanez
- Drica dos Santos
- Felipe Fonseca
- Jerusa Mary
- Jonas Porto
- Juliana Wolfgramm
- Heloíse Guesser
- Henrique Pereira
- Laís Campos Moser
- Laura Lavergne
- Lídia Hadlich Viana
- Lucila Horn
- Luna Cruz
- Manuela D'êça Neves
- Mariana Gusmão Rath

- Mariana Passuello
- Marina Monteiro
- Mateus Lanzarin
- Nicolas Haverroth
- Rafael Prudêncio Moreira
- Renato Drumond
- Roberval Santos
- Soninha Vill
- Tatiane Rosa
- Túlio Fernandes
- Verônica Gazola

Impressão

Gráfica CS
Tiragem: 2mil exemplares
80 páginas

Contato

Núcleo de Comunicação do
Centro de Artes da Udesc
Av. Madre Benvenuta, 1907,
Itacorubi, Florianópolis/SC
CEP: 88.035-901
+55 (48) 3664-8350
comunicacao.ceart@udesc.br

* Os textos assinados são de
responsabilidade de seus autores

mo
da

38



Em foco Moda e sustentabilidade:

Programa de extensão Ecomoda traz à tona questões socioambientais e uma perspectiva para a moda e para a sociedade

mú
si
ca

48



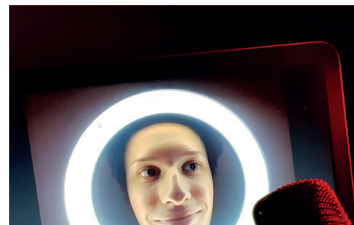
Em foco Engenho Musical:

A prática da música na extensão universitária da Udesc Ceart

Por Cristina Emboaba

tea
tro

60



Do “ao vivo” para a live

Efeitos da pandemia nas artes da cena

Por Vicente Concílio



Em foco A Moda como agente social

42

Produção de balaclavas ajudam equipes de saúde da Grande Florianópolis durante a pandemia

Ping Pong Carlos Eduardo Romão

52

Egresso da graduação em Música e mestre pela Udesc Ceart conta sobre sua trajetória e o amor pelo cavaquinho

Ping Pong Raquel Stüpp

64

Egressa de Artes Cênicas traz sua história de vida e amor pelo teatro

Por Karin Vanelli

Portfólio

Registro do *fashion film* “Treze” e do trabalho “Rendas do Bem”

46

Portfólio

Apresentações realizadas no FIK 2020 e outras imagens para recordar

56

Portfólio

Registros para matar a saudade do FIK 2020 e da Semana Integrada do Ceart 2019

68



Centro de Artes nos anos 80. Foto: Acervo Udesc Ceart

35 anos de Ceart: arte e cultura, em ensino de excelência

Por Heloise Guesser e Mariana Tomazi, do Núcleo de Comunicação da Udesc Ceart

Originado do primeiro curso de Educação Artística de Santa Catarina, o Centro de Artes (Ceart) da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) foi fundado em 11 de dezembro de 1985. Desde então, se entrelaçou em muitas narrativas enquanto construía sua própria história.

O ano era 1974, e o novo curso de Educação Artística da Faculdade de Educação (FAED) abria a primeira turma. Dentre os alunos, estava Sandra Regina Ramalho e Oliveira, com 21 anos. A graduação era fruto da Lei Federal nº 5.692, de 1971, que tornava obrigatória a disciplina Educação Artística nas escolas. Por ser um curso recente, ainda não existiam professores formados nessa graduação, então os próprios universitários assumiram esse papel. Logo no terceiro semestre, Sandra foi chamada para dar aulas de Educação Artística no Colégio Catarinense, em Florianópolis. Em 1985, 11 anos depois, Sandra já estava com nove anos de formada e estava terminando

o mestrado. Alguns anos mais tarde, ela seria professora de Cristina Rosa, outra figura marcada pelo Ceart. Maria Cristina Rosa Fonseca da Silva tinha 16 anos em 1985, quando passou no vestibular para cursar Educação Artística. Ela estava recém casada e grávida. Em maio, nasceu o seu primeiro filho, Luiz Fernando, e em dezembro daquele ano, nasce o Ceart, o centro que faltava para a Udesc ser reconhecida como universidade. Durante a graduação, Cristina viu Luiz e o Ceart crescerem e se desenvolverem.

Naquele tempo, o Centro de Artes era um ambiente familiar: “todo mundo se conhecia, tudo era muito pertinho, os nossos professores eram muito jovens”, lembra Cristina. Por outro lado, ela conta que “o espaço físico era muito problemático”, não havia incentivos para pesquisa e programas de pós-graduação, e poucos professores tinham mestrado.

Cristina se formou em 1988, e em 1992 foi contratada como professora temporária no Departamento de Artes Plásticas - um temporário que durou doze anos. Saiu no ano 2000 e retornou em 2003, também como professora. Nesse momento, o centro já contava com sete cursos de graduação e logo (em 2005) com mais sete cursos de mestrados e 58 projetos de pesquisa.

Mudando a vida das pessoas

Além de transformar quem faz parte da vida acadêmica interna, o Ceart ajuda a construir a história de quem não é membro da Udesc. Danielle Jorge Horn é pedagoga na área de educação infantil, e desde 2013 participa da Trupe da Alegria, um projeto de extensão do curso de Teatro. Interessada por Artes Cênicas desde a época da escola, ela aplica com seus alunos, no Núcleo de Educação Infantil Municipal Morro do Mocotó, o que aprende na Trupe.



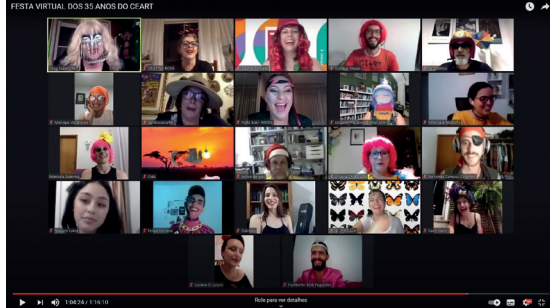
Sandra Ramalho (esq.) e Cristina Rosa (dir.) compartilharam momentos na Udesc Ceart como alunas e professoras
Foto: Acervo pessoal da professora Sandra Ramalho

Por meio do projeto, Danielle diz que expandiu a visão sobre o Ceart: “Eu vejo como ele abre campos de trabalho e de estudo, [...] um espaço formativo para outras linguagens artísticas [além do teatro]”, relata.

Essas e tantas outras pessoas que passaram pelo



Danielle (centro) com a Trupe no Ceart Aberto à Comunidade, em 2019. Foto: Laís Moser



Print da Festa Virtual dos 35 anos do Ceart com os convidados e a equipe da gestão 2017-2021

Ceart – desde quando usava as salas da Udesc Esag, passando pelos barracões, até os espaços atuais – se transformaram e foram transformadas por ele. Atualmente, Cristina é professora de Artes Visuais e diretora-geral do centro; Sandra finalizou seu ciclo e está se aposentando, com 33 anos de Udesc na bagagem. Danielle segue na Trupe da Alegria, no modelo online, reinventando sua carreira e o modo de fazer teatro. Desde março de 2020, com o surgimento da pandemia do novo Coronavírus, o Ceart também se reinventou.

Comemorações online

O ano 2020, e a data 11 de dezembro: aniversário de 35 anos do Ceart! O calendário de comemorações, que começou ainda em 2019, se transformou num evento virtual devido à pandemia. Eram esperadas atividades durante todo o ano, para celebrar o “Ceart a todo momento”, como ouvimos. Porém, foi preciso se reinventar para fazer a festa pelo computador. E a data? A mesma!

A diretora-geral do Ceart, Cristina Rosa, antes de realizar o evento, sentiu que a pandemia impedia até mesmo algumas celebrações online e vinham os questionamentos: “como comemorar os 35 anos diante de tanta infelicidade, diante de tantas perdas?”.

A grande festa foi transformada em pequenas homenagens e apresentações virtuais, que “não fossem

desrespeitosas à dor que a comunidade vivencia hoje”.

E assim aconteceu. No dia 11 de dezembro de 2020, um grande público pôde se emocionar. Com o cerimonial da Suzaninha, personagem do egresso de licenciatura em Teatro, Arthur Gomes, o evento girou em torno de vídeos como o do Núcleo Diversidade, Direitos Humanos e Ações Afirmativas (Nudha) do Ceart, e com os relatos de egressos, professores e membros da comunidade que estiveram reunidos ao vivo, por meio do YouTube. Assim foi celebrado o aniversário de 35 anos desse jovem centro, hoje, maduro. Em um pouco mais de uma hora de evento, o público riu, chorou, recordou e exaltou o que o Centro de Artes tem de melhor: arte e cultura, num ensino de excelência!

Como confirma a professora Sandra Ramalho, que encerra a carreira desejando que o Centro de Artes mantenha o ritmo que alcançou: “Eu acho que o Ceart já está tão bem [risos], que agora é manter a bola em jogo. [...] as competências estão aí, os corpos docentes são invejáveis, as instalações são fantásticas, os estímulos que a gente tem para produzir são excelentes”, diz a professora como uma mãe orgulhosa de um filho. Ela finaliza ao pedir que os profissionais da arte sejam respeitados pela sociedade: “[...] que a gente saiba lutar para mostrar isso, e que também as pessoas, internamente, se respeitem mais”.

Material comemorativo

Em comemoração aos 35 anos do centro, o Núcleo de Comunicação da Udesc Ceart produziu a marca dos 35 anos, adaptada da marca dos 30 anos, comemorados em 2015. Em parceria com o LabDesign ela ganhou cor e forma em agendas, calendários, banners, outdoor, adesivos e camisetas. Tudo isso para que a data não fosse esquecida.

Os materiais foram distribuídos entre a comunidade acadêmica e entregues como presentes a outras personalidades, de dentro e de fora da universidade. As entregas aconteceram antes da pandemia da Covid-19. As camisetas do Festival Internacional de Arte e Cultura José Luiz Kinceler – FIK 2020, também receberam a marca e puderam ser utilizadas ainda presencialmente nos dias do evento.

A ideia de transformar o ano de 2020 em comemorações ao longo dele, pode não ter dado certo, mas o registro desse importante momento foi feito e planejado com muito carinho: “Os materiais produzidos foram muito bem aceitos por todos, e tiveram a função de divulgar o Ceart e os seus 35 anos, marcando uma trajetória já consolidada de desenvolvimento da arte, cultura e educação em Santa Catarina”, acrescenta o diretor de Administração do Ceart, Gustavo Pinto de Araújo. ■



Outdoor foi instalado no campus da Udesc, no bairro Itacorubi, em Florianópolis. Foto: Gustavo Pinto de Araújo



Marca foi inserida em diferentes materiais, em comemoração aos 35 anos do Ceart. Fotos: Gustavo Pinto de Araújo e Heloíse Guesser

Udesc Ceart hoje:

Graduação:

- Artes Visuais (Bacharelado e Licenciatura)
- Design - Habilitação em Design Gráfico (Bacharelado)
- Design - Habilitação em Design Industrial (Bacharelado)
- Moda (Bacharelado)
- Música - Piano (Bacharelado)
- Música - Violão (Bacharelado)
- Música - Violoncelo (Bacharelado)
- Música - Violino ou Viola (Bacharelado)
- Música (Licenciatura)
- Teatro (Licenciatura)

Cursos de Pós-Graduação:

- Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV)
- Programa de Pós-Graduação em Design (PPGDesign)
- Programa de Pós-Graduação em Música (PPGMUS)

- Programa de Pós-Graduação em Teatro (PPGT)
- Mestrado Profissional em Artes (Prof-Artes)
- Mestrado Profissional em Design de Vestuário e Moda

Em números:

- Alunos de Graduação: 1041 (2020/1)
- Alunos de Pós-Graduação: 357 (2019/2)
- Professores: 127 - 86 efetivos e 41 substitutos
- Técnicos: 55 efetivos

Saiba mais

🌐 www.udesc.br/ceart

📘 facebook.com/udesc.ceart

📷 Instagram: @Udesc.Ceart

📺 YT: /UdescCeart



Banda Francisco, el Hombre trouxe o show RASGACABEZA na abertura do FIK 2020. Foto: Verônica Gazola

FIK 2020

2ª edição do festival fortalece vínculo entre arte, universidade e comunidade

Por Edgar Fuck, do Núcleo de Comunicação da Udesc Ceart

Idealizado e organizado pelo Centro de Artes (Ceart) da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), a segunda edição do Festival Internacional de Arte e Cultura José Luiz Kinceler – FIK 2020 agitou o campus Itacorubi nos cinco dias de atrações. De 8 a 12 de fevereiro mais de 150 atividades artísticas e culturais trouxeram cerca de cinco mil pessoas para o centro, continuando a tradição que começou em 2018. O evento contou com professores, técnicos e alunos do Ceart, além de palestrantes, artistas e oficinas nacionais e internacionais, trabalhando em conjunto para a realização deste festival já tão aguardado pela comunidade.

Montar uma programação que atenda aos vários públicos do festival, como crianças e adultos, artistas e comunidade, pessoas com um interesse superficial pela

arte e pessoas que procuram por um aprofundamento em seus conhecimentos, é sempre um desafio, mas este foi um desafio que o FIK 2020 venceu com proeza. A abertura do festival contou com o recital de guitarra flamenca de Rafael Mar, sambas na voz de Elô Gonzaga, o rockzinho eclético da banda Orquidália e o show caótico da banda Francisco, el Hombre.

Para atizar o amor pela arte desde cedo, o festival, desde 2018, apresenta o FIK Criança: uma programação repleta de atividades artístico-culturais para crianças de 4 a 12 anos. Neste ano, a Cia CórteXArte, de Florianópolis, apresentou aos pequenos o espetáculo “O Chinês e o Dragão”, que mistura teatro de animação, dança contemporânea e Kung Fu tradicional. Vindo de Porto Alegre (RS), o Grupim de Dois contou a história de Carmina e Arthur, por meio de

poesias, músicas e brincadeiras.

Quem voltou para o FIK 2020 foi o coletivo argentino Medianeras, composto por Anali Chanquía e Vanesa Galdeano, com a oficina de “Arte urbana: mural coletivo”. Desta vez o local escolhido foi a parede externa do Bloco Amarelo, e os participantes passaram por todos os processos, do desenho à pintura.

O FIK 2020 contou ainda com outros eventos inseridos na programação: o 2º Floripa Eco Fashion, evento de moda sustentável que apresentou palestras, oficinas, desfile e feiras próprias; o 2º Encontro da Rede de Educadores em Museus de Santa Catarina; o 9º Encontro de Livros de Fotografia de Autor (ELFA), organizado pelo Núcleo de Estudos em Fotografia e Arte (NEFA). O ELFA trouxe uma seleção com mais de 130 livros de autores e fotógrafos, expostos em formato de biblioteca, com a curadoria da fotógrafa e educadora argentina Laura Lavergne e produção das brasileiras Lucila Horn, coordenadora do NEFA Florianópolis, e Ana Soukef.

Ceartistas

Toda a comunidade universitária trabalhou para que o evento pudesse acontecer. Entre as estudantes que participaram da equipe estava a aluna do curso de Moda da Udesc Ceart Emanuelli Dalsasso - mais tarde contratada como freelancer pela produtora do FIK 2020. Ela, que se formou em novembro de 2020, foi uma das responsáveis na organização das apresentações musicais do festival, e conta que seu curso influenciou muito a decisão de participar da produção do evento: “A minha experiência com o curso de Moda me levou à vontade de trabalhar com eventos” ela conta, “e ter trabalhado com músicos também me incentivou a ser voluntária no FIK. Então, em dezembro de 2019 procurei a professora Maria Cristina e falei que queria trabalhar e estava ali para o que precisasse. Eu estive junto desde o começo”.



FIK Criança trouxe diversas oficinas para o público entre 4 e 12 anos de idade. Foto: Luna Cruz



Anali Chanquía e Vanesa Galdeano na preparação do mural Medianeras. Foto: Verônica Gazola

Como assistente de produção de Luanda Wilk [outra egressa da Udesc Ceart], produtora cultural responsável pelas atrações musicais da edição do FIK 2020, Emanuelli trabalhou com Val Santos e Bianca Bioni, ambas do curso de Música, e Kathelyn Passos e Caroline Manoel, alunas da Moda. Para a assistente, uma das diferenças nessa experiência foi que além de terem só mulheres na equipe, elas estavam bem organizadas e conectadas. Essa conexão pode ser pelo fato de que o festival fosse repleto de “ceartistas”, como a comunidade acadêmica do Ceart se auto intitula. Ela relata ainda, que o envolvimento dessa



Mais de 150 atividades artísticas e culturais trouxeram cerca de cinco mil pessoas ao FIK 2020



Caê Beck, de vermelho, no espetáculo A Cantora Careca com outros “ceartistas” no FIK 2020. Foto: Verônica Gazola

comunidade de pessoas que estudam e trabalham, ou já passaram pelo Centro de Artes da Udesc, foi o que tornou o evento tão diversificado, tanto na programação quanto na produção.

Outro “ceartista” presente no evento foi o estudante de graduação do curso de licenciatura em Teatro, Caê Beck. Ele participou como ministrante e artista, na oficina seguida de sua peça solo “Arapuca”, e com uma roda de conversa com o público, ao final. Além disso, é do elenco do espetáculo “A Cantora Careca”,

também, apresentada no FIK. Caê conta que o festival foi muito especial, por ser um primeiro evento em que a apresentação contou com um grande público: “A gente já tinha feito uma temporada na universidade. Apresentamos em 2019, mas para um público diferente, mesmo sendo no mesmo lugar. Foi divulgado pela cidade inteira e o FIK é um festival internacional”. Para ele, a experiência foi importantíssima “como artista, como ministrante e como professor de teatro”, justamente pelo contato com públicos mais diversos e maiores.

Geodésica: um pouco de quem dá nome ao evento

O festival homenageia e recebe o nome do artista e professor do departamento de Artes Visuais, da Udesc Ceart, José Luiz Kinceler, falecido em 2015 em decorrência de um AVC. O professor foi o criador do coletivo de arte Geodésica Cultural Itinerante, que esteve no festival, pela segunda vez, com a oficina de revitalização das hortas verticais da Udesc Ceart, um dos projetos de Kinceler, dentro do coletivo.

Leonardo Lima e Silva, membro do grupo desde 2008, e um dos ministrantes da oficina, conta como funcionou: “Fizemos a preparação de pneus e mostramos como é possível fazer uma horta os reutilizando [...]. Nós revitalizamos hortas de diferentes tipos: um modelo feito com ferro e cimento, um outro feito com ferro, cimento e pneu, e mostramos o modelo feito de cerâmica, usado no início do projeto”.

Leonardo foi aluno de Kinceler no bacharelado em Artes Visuais. Hoje, aluno de licenciatura no mesmo curso – depois de ter concluído o mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV) da Udesc Ceart -, ele fala um pouco sobre o trabalho do homenageado: “O Zé brincava nas aulas, dizendo

que você deveria resolver seus problemas com arte, o que era uma maneira engraçada de pensar, mas que ele levava a sério. Pensar na arte como uma maneira de você se posicionar diante do mundo e encontrar respostas, resolver questões que são importantes para você. A arte te dá possibilidades de você reinventar relações”, relata.

Um espaço aberto à comunidade

Abrir as portas da universidade e mostrar o que é produzido dentro dela para a comunidade externa tem sido um tema recorrente nos últimos anos, e só evidencia a importância de um festival cultural internacional como é o FIK, aproximando o público de artistas de todo o Brasil e de fora, alimentando a paixão pela arte. Leonardo ressalta essa visão já intrínseca ao festival: “O FIK se abre para esse tipo de espaço, onde se tem música, apresentações de teatro, oficinas, várias propostas que giram em torno daquilo que é arte e cultura, e as oferece para um público amplo”.

Para a professora Maria Cristina da Rosa, que assumiu a Direção Geral do Ceart poucos meses antes da primeira edição do festival, em 2020 fluiu melhor. “Nós assumimos a direção em agosto (de 2017) e em janeiro (de 2018) já assumimos o festival [...].Então foi tudo muito rápido, tivemos muitos contratemplos”, relata. Em 2020, o FIK contou com, além da experiência anterior, mais tempo e mais pessoas: “Contratamos uma produtora, fizemos um edital público onde os artistas puderam se inscrever, então ganhamos muito em termos de organização”, completa Cristina.

O FIK 2020 terminou com um “gostinho de quero mais” e com a confirmação da próxima edição para 2022. Apesar da pandemia da Covid-19 e tantas incertezas que a acompanham, a diretora-geral se mostra confiante: “Não serei eu coordenando, pois



Oficina de revitalização das hortas verticais com o Coletivo Geodésica Cultural Itinerante. Foto: Verônica Gazola

meu mandato de diretora do centro terá encerrado em agosto (de 2021), mas deixarei tudo pronto para o próximo diretor realizar”.

Vídeo do FIK 2020

Como registro dessa grande celebração da arte e da cultura, o FIK 2020 conta com um vídeo, disponível no canal do YouTube do Ceart. Nele, estão contidas cenas que fazem uma retrospectiva de todo o festival e entrevistas com os participantes. ■

“Ao pensar no Festival nós tínhamos dois compromissos: o primeiro de ampliar o diálogo do Centro de Artes com a comunidade, e o outro apresentar um pouco do que é produzido no campus e que a comunidade não conhece. Sendo também um local de intercâmbio cultural entre alunos, artistas, profissionais da área de cultura, moradores da região e também turistas.”

Cristina Rosa, diretora-geral da Udesc Ceart

Saiba mais

🌐 udesc.br/ceart/fik

📘 [fb.com/festivalFIK](https://www.facebook.com/festivalFIK)

📷 [@fik.udesc](https://www.instagram.com/fik.udesc)

📺 bit.ly/FIK2020



“Medusa Enredada”, de Camila Durães, na Galeria do DAV, durante a Semana Integrada do Ceart 2019

Foto: Edgar Fuck

Galeria Jandira Lorenz: espaço expositivo do Departamento de Artes Visuais da Udesc Ceart

Por Raquel Stolf e Silvana Macêdo

A Galeria Jandira Lorenz surgiu antes mesmo de ser assim nomeada. Foi em 2015, proposto pelo Departamento de Artes Visuais, do Centro de Artes (Ceart), da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), que o espaço surgiu, no hall do prédio do curso. O objetivo: para que nele pudessem ser expostas as experimentações de projetos artísticos e de experiências educativas, desenvolvidas em disciplinas do curso.

É por meio da galeria que docentes e discentes ganham um espaço a mais para promover ações inovadoras, possibilitando a realização de atividades necessárias à formação acadêmica. Nela pode-se experimentar e concretizar múltiplas etapas de projetos artísticos, desde a concepção, produção e montagem dos trabalhos artísticos, até o aprendizado da elaboração, planejamento e execução da expografia, a prática da curadoria artística e educativa, a produção teórica, a crítica de arte e a produção cultural, com a finalidade de realizar a

efetiva interlocução com as disciplinas dos cursos de licenciatura e bacharelado do DAV.

O espaço do *hall* de entrada do prédio das Artes Visuais, ao longo do tempo, recebeu novos planejamentos e adaptações para que pudesse ser mais amplo. O então chamado “espaço expositivo”, recentemente, foi denominado Galeria Jandira Lorenz, uma homenagem à artista, pesquisadora e professora aposentada do DAV, em 1997. A homenageada ingressou na universidade em 1976, onde atuou como professora de História da Arte e ministrou disciplinas de desenho.

A galeria, hoje, num espaço único, maior e visível aos que passam pelo Ceart, é um espaço ainda mais propício e aberto à manifestação artística e à reflexão sobre os processos de produção, experimentação e visibilidade. Além disso, a gestão das ações desenvolvidas na galeria fomenta a interlocução com a sociedade, em seus múltiplos contextos culturais, com o estímulo às trocas de saberes com as comunidades

extrauniversitárias, aprimorando as relações entre ensino, pesquisa e extensão.

Conforme destaca a coordenadora de estágios do DAV e atual coordenadora do Programa de P’s-Graduação em Artes Visuais - PPGAV, professora Elaine Schmidlin, na formação de estudantes do curso de licenciatura em Artes Visuais há necessidade de experimentar diferentes modos de ser docente ao longo da Educação Básica, como também em espaços culturais. Ela observa que “embora Florianópolis disponha de excelentes espaços culturais, nem todos possuem em suas instalações um lugar para o exercício efetivo em arte-educação”.

Este espaço para proposições artísticas funciona, portanto, como um campo promotor de experiências educativas, incluindo atividades de estágios supervisionados que poderão acontecer após o fim do isolamento social devido à pandemia da Covid-19, com o retorno das atividades presenciais.



Galeria do DAV antes do fechamento com vidros
Foto: Roberval Santos



Jandira Lorenz (à direita) ao lado de Max Moura e Flávia Fernandes. Foto: Acervo Udesec Ceart

Estamos trabalhando pela construção do Espaço Educativo da Galeria Jandira Lorenz, nas dependências físicas do DAV, para o exercício nesta área em sintonia com exposições e mostras dos trabalhos de estudantes das Artes Visuais, do PPGAV e de artistas proponentes por seleção através de editais. A existência deste espaço adequado, com materiais e equipamentos apropriados, é importante para promovermos ações inovadoras de apoio didático-pedagógico ao processo de ensino e aprendizagem. Será possível praticar atividades como a criação de metodologias educativas para articulação com os trabalhos que se apresentarem no espaço expositivo, com a finalidade de realizar a efetiva integração com as disciplinas dos cursos de Artes Visuais e das Linha de Ensino, Processos Artísticos Contemporâneos e Teoria e História da Arte, do PPGAV.

Exposições

Muitas exposições de estudantes aconteceram desde 2015, antes do fechamento da área atual da galeria com vidros e da mudança para a entrada do prédio do DAV. Mas podemos destacar algumas exposições que marcaram a galeria:

Durante a Semana Integrada do Ceart 2019, a artista Fernanda Magalhães apresentou a performance intitulada “A Natureza da Vida”, no espaço da galeria. No mesmo ano, o espaço contou com a apresentação da performance “Medusa Enredada: como lembrar?... Mas...como esquecer?”, de Camila Durães e com a exposição “Turvamento”, das estudantes Verônica Gazola e Isadora Souza.

No FIK 2020, a galeria recebeu a exposição Tipos Políticos e Sonidos, com curadoria da professora



Performance “A Natureza da Vida” com a artista Fernanda Magalhães. Foto: Arquivo DAV/Ceart

Maria Cristina Rosa Fonseca e da professora Maristela Müller, que reuniu três instalações: “Orquestra Eletrodoméstica”, de Diego de Los Campos; “Livro de presença”, de Márcia Braga; e “Antes juntos do que mal representados”, curadoria de Jorge Bucksdricker.

A galeria na pandemia

Durante o distanciamento social e com as atividades remotas, a programação vinculada à Galeria Jandira Lorenz foi adaptada ao virtual, como em muitos espaços culturais no Brasil e no mundo.

A disciplina Projeto Integrado – PI criou um programa de exposições virtuais e reuniu uma série de “Conversas” com artistas convidados, que aconteceram em *lives*. Outro destaque foi a primeira exposição virtual da galeria, “AS POSSIBLE”, do artista Carlos Asp, com a coordenação de Sandra Ramalho. O título da mostra é a junção do nome do artista, com a condição virtual, o possível, e ainda o “as”, que em inglês significa “como”, ou seja, mesmo em condições adversas, a arte e suas manifestações, acontecem. “AS POSSIBLE” tem curadoria de Juliana Crispe e Luciane Garcez, e co-curador Marcello Carpes. Outras duas mostras virtuais individuais estão previstas: de Doraci Girrulat e de Jandira Lorenz.

Apesar das limitações e desafios trazidos pela situação mundial da pandemia, seguimos trabalhando com entusiasmo para alcançar os objetivos, esperando contribuir para amenizar sofrimentos diante do contexto atual, e reunindo atividades reflexivas e propostas instigantes e moventes para a comunidade universitária e extrauniversitária. ■

Raquel Stolf e Silvana Macêdo são professoras do Departamento de Artes Visuais (DAV) da Udesc Ceart.

Saiba mais

🌐 <https://www.udesc.br/ceart/galeriadav>

📷 @galeriajandiralorenz

🌐 <http://bit.ly/AsPossible>



A mostra “AS POSSIBLE” de Carlos Asp (acima) foi a primeira e primeira mostra virtual da galeria. Foto: Marco Santiago



Exposição “Tipos políticos e sonidos”, durante o FIK 2020
Foto: Verônica Gazola



Lucila Horn, por Soninha Vill

Lucila Horn: egressa da Udesc Ceart conta sobre o seu percurso com a Fotografia

Por Heloise Guesser, do Núcleo de Comunicação da Udesc Ceart

Vinda da cidade de Joinville, para cursar Educação Artística [Artes Plásticas], com 18 anos, Lucila Horn, chegou em Florianópolis. Viveu numa república, como acontece com diversos estudantes, participou da vida acadêmica intensamente, na década de 80, enquanto estudante da Udesc Ceart. Depois de formada, pôde expressar sua arte como artista, educadora e agente na formação de outros artistas.

Atualmente, coordenadora do Núcleo de Estudos de Fotografia e Arte (NEFA), com atividades em Florianópolis e Balneário Camboriú, Lucila atuou como docente em diversos níveis de ensino da educação formal, desde a educação infantil até a pós-graduação. Atualmente, é doutoranda em educação do Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE) da Udesc Faed, mas além da graduação e do atual doutorado, cursou duas pós-graduações e realizou mestrado na Udesc, e garante que todos foram importantes da sua atuação profissional.

1. Hallceart: O que te fez buscar estudar artes, você tinha alguma ligação com a área?

Eu comecei na arte com 14 para 15 anos, pelo teatro. Quando chegou o momento de fazer a faculdade, a Udesc ainda não oferecia o curso de Artes Cênicas, mas como eu também frequentava o ambiente das Artes Visuais, eu optei em fazer Artes Plásticas, por permanecer no campo da



Lucila durante a produção do Festival Floripa na Foto, em 2011. Foto: Henrique Pereira

arte. E tinha a ideia de que continuaria a fazer teatro em Florianópolis, mas acabei me apaixonado pelas Artes Visuais, primeiro pela pintura e depois pela fotografia.

2. Hallceart: Quais as mudanças de vida que a Udesc te proporcionou?

A experiência que a Udesc me proporcionou durante o curso, foi uma experiência de posicionamento político, de me entender como agente dentro da sociedade. Isso se deu a partir do Ceart, com incentivos de professores e pela participação no movimento estudantil da época. Fizemos parte da construção do primeiro Centro Acadêmico do Ceart. E depois de formada, o Ceart continuou sendo parte da minha trajetória, como artista, como produtora e como educadora, pois é (e sempre foi) o lugar de referência da arte e da arte educação, em Florianópolis.

3. Hallceart: Como a fotografia surgiu na sua vida?

Eu me identifiquei com a fotografia durante o curso de

graduação, foi ali o meu primeiro contato, depois de formada acabei me dedicando à pintura e à educação. Foi só no início dos anos 2000 que eu comecei a me reaproximar da fotografia. Na época, não havia muitos cursos na cidade voltados à ela, e por necessidade de formação acabei entrando para a área da produção em fotografia. Junto com Lu Renata (também formada pelo Ceart), começamos a trazer cursos e *workshops* de fotografia para Santa Catarina. Em seguida, elaboramos projetos e conseguimos aprovar alguns, tanto para a Fundação Palmares, quanto para Funarte, o que tornou possível oferecê-los gratuitamente.

4. E como surgiu o Floripa na Foto?

O Festival de Fotografia Floripa na Foto é resultado das demandas iniciadas pelos cursos e projetos. Já sentíamos um movimento, articulado a partir dos projetos, que envolviam exposições e curadoria, e precisávamos ampliar a reflexão sobre fazer fotografia. Então, em 2009 fizemos o projeto para o edital Elisabete Anderle, que foi aprovado e teve a primeira



Fotografia da série “Proibido subir ao altar”
Foto: Lucila Horn



Lucila com a publicação “Proibido subir ao altar”, no 9º Encontro de Livros de Fotografia de Autor. Foto: Laura Lavergne

edição em 2010. Em 2011, submetemos o projeto ao Seitec [Sistema Estadual de Incentivo à Cultura, ao Turismo e ao Esporte] e conseguimos financiamento. Nas outras quatro edições, o festival seguiu sem financiamento e passou a acontecer bianualmente, apenas com apoios institucionais. O Ceart é um dos parceiros nesse processo.

5. Halliceart: Como surgiu o NEFA dentro desse percurso?

Com o tempo, fomos avaliando as ações do festival. Ele trouxe muitas coisas boas, em termos de formação e de lançar faíscas para pensar a questão da fotografia, mas era um evento isolado que acontecia em quatro dias. Com o objetivo de oferecer uma formação continuada, de pensar na fotografia o ano inteiro, surgiu o NEFA em 2014, como um grupo de estudos para discutir fotografia e os processos de criação dos participantes. Atualmente, temos o núcleo em Florianópolis e em Balneário Camboriú (com coordenação de Marcelo Fernandes e Flávio Fernandes). Além dos grupos de estudos, o NEFA promove o Floripa na Foto, o Encontro de Livros de Fotografia de Autor (ELFA) que esteve no FIK de 2018 e de 2020, realiza cursos, desenvolve projetos, produz a Feira Arte



Lucila com a artista Betinha Trevisan na montagem da Sala Experimental do NEFA, em 2019. Foto: Soninha Vill

Foto, com edições anuais na Helena Fretta Galeria de Arte, desde 2015, promovendo a difusão da produção. Temos a biblioteca e, em 2019, inauguramos uma sala experimental de exposições.

6. Hallcart: Como ganhar dinheiro com isso?

É necessário alimentar uma cadeia produtiva, que envolve formação, produção, circulação. São muitos atores envolvidos e com o trabalho em rede é possível que todos sejam remunerados de forma justa. É bem verdade que se eu pensasse em ganhar muito dinheiro, não teria optado em trabalhar com cultura e com educação [risos].

7. Hallcart: E como a universidade pode contribuir para essa cadeia produtiva?

Se pensarmos a cena da arte em Florianópolis, nos anos 80, e pensar hoje, a universidade contribuiu muito para pensar sobre esses processos todos. Na formação dos próprios alunos [...] e hoje os professores discutem

um pouco mais a respeito da cadeia produtiva, algo que não se discutia na minha formação. E uma das ações da universidade que faz mudar muito o cenário, são os projetos de extensão, fundamentais na relação da comunidade acadêmica e o mundo externo, seja ele o mundo da produção artística que acontece fora dos muros da instituição, seja no campo da educação formal ou não formal, ou na própria experiência de lidar com o outro. Isso reflete na prática social e na cadeia produtiva. ■



Lucila Horn (à esquerda) na organização do Festival de Fotografia Floripa na Foto, com Cristiane Ugolini - 2019
Foto: Laura Lavergne

Saiba mais

🌐 <https://nefa.com.br>

f /floripanafoto

f /nefafoto

📷 @nefafoto

📷 @floripa_na_foto

📷 @duoarte

📷 @lucilahorn



Série Micropaisagens, Micropaisagem Neblina, de Anna Moraes, 2020. Técnica: Madeira, papel vegetal e acrílico

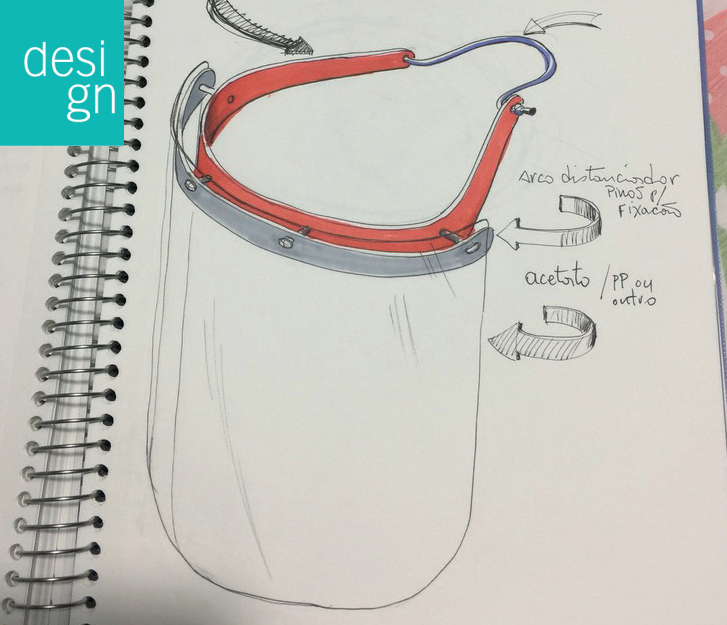
Foto: Carol Ramos

Anna Moraes é artista visual, doutoranda em Processos Artísticos Contemporâneos, pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV) da Udesc Ceart. A artista, mestra pela Udesc Ceart, pesquisa diferentes entendimentos acerca do desenho contemporâneo. Seu processo artístico é pautado na investigação de possibilidades do desenho por meio de linhas, traços, fios e territórios que dialogam com a paisagem. Com o isolamento social de 2020, passou a pensar possibilidades de se desenhar junto, ainda que isolados, adentrando a linguagem da videoarte. Também criou uma coleção e catalogação das paisagens vistas da janela de sua casa em desenho e em caixinhas de acrílico. Anna ganhou uma residência artística de três meses na *Cité Internationale des Arts*, em Paris, pela primeira colocação no Prêmio Aliança Francesa de Arte Contemporânea 2020, e já foi contemplada com o Prêmio do Júri no Salão Nacional da Quarentena (2020).



Caqueiro, de Edson Macalini, 2020. Foto: Carol Ramos

Edson Macalini é doutorando e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV) da Udesc Ceart. Já mostrou seu trabalho em exposições, além de ter participado de residências artísticas, feiras e produções em coletivos de artistas. Seu trabalho envolve ações e movimentações que correlacionam artes e natureza, como uma arqueologia dos lugares onde viveu e visitou. Sua obra reflete o interesse pelas relações entre arte e natureza, biologia e arqueologia, política e meio ambiente, o urbano e o rural, além de modos de vidas humanas, de animais, plantas e culturas. Edson foi finalista do Prêmio Aliança Francesa de Arte Contemporânea 2020, ao lado de Anna Moares.



Esboço da Face Shield
Foto: Equipe do projeto/divulgação

Design em tempos de pandemia

Professores do Departamento de Design da Udesc Ceart se juntaram para a produção de equipamentos para ajudar no combate à pandemia da Covid-19

Por Edgar Fuck, do Núcleo de Comunicação da Udesc Ceart

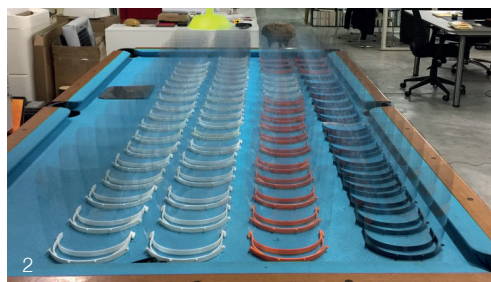
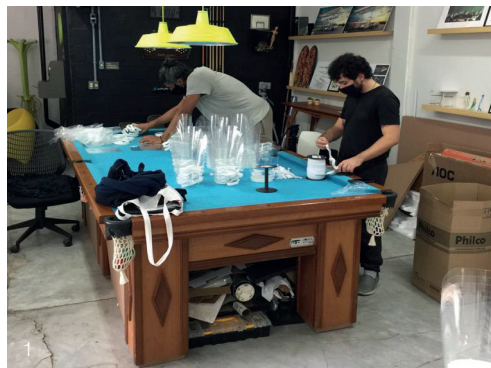
A pandemia causada pelo vírus SARS-CoV-2, o novo Coronavírus, impactou o mundo inteiro em 2020, e não foi diferente no Brasil e em Santa Catarina. Milhares de casos confirmados da doença Covid-19, e muitas mortes por todos os cantos do Estado. Com a chegada do novo vírus, relatado no primeiro trimestre de 2020, ninguém estava preparado para lidar com o que viria, e isso inclui hospitais, clínicas e postos de saúde, rede pública e privada. Leitos cheios, equipamentos em falta e o alto risco de contágio fizeram parte da rotina dos profissionais da saúde de todo o mundo.

Pensando em maneiras de ajudar esse grupo tão afetado pela pandemia, professores e alunos do Departamento de Design (DDE), do Centro de Artes (Ceart) da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), se reuniram para produzir equipamentos hospitalares para os profissionais. O grupo

composto pelos professores Célio Teodorico, Cláudio Brandão, Gabriela Mager, Marcelo Gitana e Walter da Silveira, os doutorandos do Programa de Pós-Graduação em Design (PPGDesign) Tainá Bueno, Ricardo Álvares e Tiago Catecati, e o voluntário Guilherme Melo produziu e doou cerca de 3 mil *face shields* - ou escudos protetores para o rosto, para hospitais, postos de saúde e diversos profissionais da área. O projeto atendeu não apenas Florianópolis e região, como também chegou a cidades do interior de Minas Gerais (MG) e do Rio Grande do Sul (RS).

A ideia veio com o professor Cláudio Brandão, cuja filha é médica e utiliza as *face shields* em seu dia a dia. As máscaras foram feitas “do zero” pelos membros do grupo, com a ajuda de impressoras 3D – algumas do departamento e outras máquinas pessoais –, que imprimiam os arcos que prendem as máscaras na cabeça do usuário. Os protótipos dos arcos foram criados pela empresa de modelagem 3D Prusa e adaptados por Walter da Silveira para agilizar a produção. A montagem começou a ser feita no estúdio de fotografia de Cláudio, mas com o aumento da demanda e da produção, Walter conta que “fizemos uma força tarefa aqui em casa, meu filho ajudou, minha esposa ajudou.”

Com o aumento da demanda e a demora da impressão 3D, a iniciativa recebeu o apoio da Associação Brasileira da Indústria de Ferramentais (Abinter), que passou a doar os arcos das máscaras já prontos, o que diminuiu o tempo de produção. A Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina (Fiesc) também contribuiu cortando o acetato (material que forma o “escudo” da máscara) à laser, o que antes era feito manualmente com estiletes. Com a ajuda, o grupo inteiro passou a se dedicar apenas à montagem das máscaras, o que poderia ser feito separadamente, cada um de sua casa.

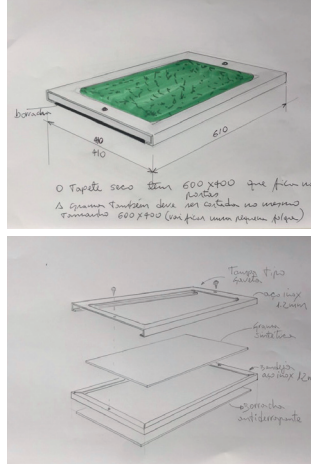
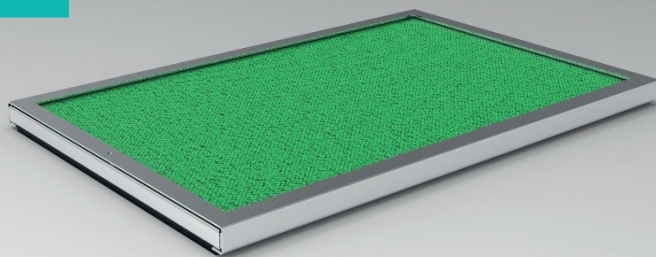


1. Ricardo Álvares Silva e Guilherme Melo montando os protetores - *face shields*, no Estúdio 566

2. Arcos impressos em impressoras 3D

3. Material utilizado na produção das *face shields*

Fotos: Estúdio 566/Divulgação



Render do tapete higienizador e (ao lado) renders com a descrição das camadas. Imagens: Divulgação

Tapetes higienizadores

Quando a demanda das *face shields* foi diminuindo, era hora de começar outro projeto. Foi aí que o programa de extensão DesignAção, coordenado pela professora Gabriela Mager, passou a desenvolver tapetes higienizadores projetados pelo professor Célio Teodorico. Os tapetes foram projetados para a entrada de hospitais e postos de saúde de Florianópolis e região. “É um tapete feito com base em aço inox e carpete para a higiene da sola dos sapatos”, explica a professora. “A ideia é que seja um material muito durável, de fácil manutenção, fácil higiene e resistente ao uso com grande fluxo de pessoas”, afirma Mager.

Essa ação, organizada principalmente por Gabriela, Célio Teodorico, Walter da Silveira e o estudante de graduação em Design Industrial Dalmo Bianchini, recebeu recursos do Escritório de Assistência a Desastres Estrangeiros dos Estados Unidos (Ofda - na sigla em inglês), órgão vinculado à Agência dos EUA para o Desenvolvimento Internacional (Usaid). A Ofda/Usaid é a principal agência do governo norte-americano para proporcionar assistência humanitária em resposta

a emergências e desastres internacionais. O grupo da Udesc recebeu apoio financeiro da oficina regional da agência para América Latina e Caribe (Ofda/Usaid/LAC).

No total, foram fabricados 42 tapetes doados para órgãos de saúde e para instituições públicas que têm grande circulação de pessoas. Gabriela diz que o grupo está motivado a contribuir para a sociedade neste momento delicado: “Direcionamos nossos



Gabriela Mager entrega o tapete para a equipe do Posto de Saúde do Itacorubi, em Florianópolis. Imagem: Divulgação

esforços durante a pandemia para apoiar a estrutura das pessoas que estão na linha de frente do combate à Covid-19”.

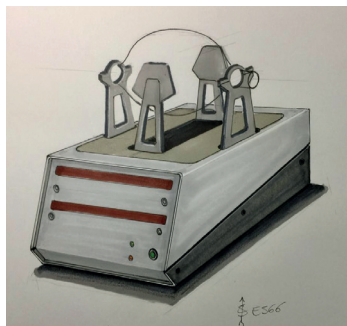
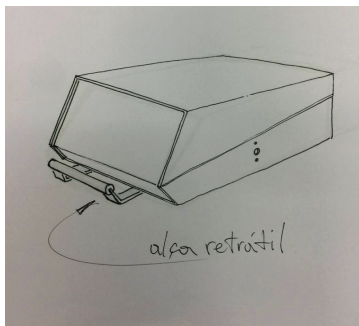
Além dos tapetes higienizadores, o programa de extensão DesignAção também criou guias de fisioterapia pulmonar, para estimulação com bebês e para fisioterapia de amputados em parceria com o Centro de Ciências da Saúde e do Esporte (Cefid) da Udesc. “Ainda não discutimos entre os professores outros projetos nesta linha, mas pode ser muito interessante aliar as ações da extensão às pesquisas da Pós-Graduação em Design, nas linhas de pesquisa em fatores humanos”, completa Gabriela.

Outros projetos

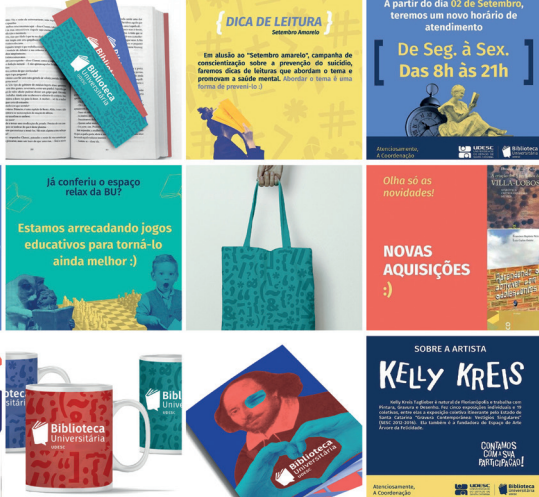
O professor Walter da Silveira, que ministra as disciplinas de computação do Design, também contribuiu para um projeto à parte, com profissionais de todo o país, que, assim como no grupo da Udesc, tentavam amenizar os impactos da pandemia nos hospitais. Sua participação ocorreu na modelagem de válvulas que aumentam a capacidade dos respiradores usados por pacientes afetados mais gravemente pela

doença. “O pessoal me passava um desenho com as medidas do produto, e eu modelava num *software* tridimensional e enviava para esse grupo”, conta. “As válvulas permitiam que um respirador alimentasse até três pessoas”, explica.

O professor Célio Teodorico esteve envolvido em um outro projeto, nacional de combate à doença. O “FASTEN Vita”, vinculado ao Instituto de Engenharia de Sistemas e Computadores, Tecnologia e Ciência (INESC TEC), uma iniciativa de mais de 40 pesquisadores de 12 universidades brasileiras para oferecer produtos de fabricação rápida a fim de combater os efeitos da pandemia da Covid-19. Guilherme Melo (Estúdio 566 Design) e Célio, com o apoio do professor Milton José Cinelli (DDE/Udesc Ceart), foram responsáveis pelo design do “Ventilador Pulmonar” desenvolvido pela equipe, e oito unidades do produto foram produzidas na Grande Florianópolis. De acordo Teodorico, a ideia aproxima o Design à sociedade e o objetivo é colaborar mais efetivamente em projetos de alcance social. Segundo ele, o Design pode ser ainda mais útil e a Udesc Ceart deve seguir com iniciativas como essa: “Pretendemos estar colaborando em outros projetos do INESC, e convidamos os alunos para participarem dessas iniciativas”, finaliza. ■



Renders do projeto de modelagem de válvulas para os respiradores. Imagens: Divulgação



Projeto de Identidade da BU Udesc teve início em 2018. Foto: Divulgação

O Design na Biblioteca Universitária da Udesc: ampliando as experiências e relações com seus usuários

Por Anelisse Zimmermann, Maurício Elias Dick, Maria Eduarda Marcelino, Beatriz Bastos e Isadora Noal

Desde o início de 2019 a Biblioteca Universitária (BU) da Udesc está de cara nova, com uma identidade visual mais colorida, uma comunicação mais próxima de seus variados públicos e, principalmente, bastante ativa nas redes sociais em tempos de pandemia.

Todas essas mudanças envolveram uma parceria com professores, professoras, alunas e alunos dos cursos de Design Gráfico e Design Industrial da Udesc Ceart e a Coordenação da Biblioteca. O projeto, que iniciou de forma voluntária em 2018, com as discentes Maria Eduarda Marcelino, Beatriz Bastos e a professora Anelise Zimmermann, que consistia no desenvolvimento de cartazes informativos, acabou ganhando grandes

proporções, com o reposicionamento da Biblioteca junto à instituição, usuários e público em geral, a criação de uma nova identidade visual e a integração da comunicação de suas 11 bibliotecas setoriais espalhadas em todo o Estado de Santa Catarina. “A nova identidade visual da Biblioteca Universitária trouxe inúmeros benefícios tanto para as Bibliotecas da Udesc como também para seus usuários. Por meio dela, foi possível comunicar para a comunidade acadêmica a mudança de postura, conceito e imagem dos espaços e serviços das Bibliotecas. Gostaríamos que nossos usuários vissem as Bibliotecas da Udesc como ambientes acolhedores e descontraídos, onde as pessoas se encontram para compartilhar livros e

pensamentos e a identidade visual, de forma divertida e colorida, contribuiu para que nossa comunicação atingisse de forma amigável nossos usuários”, conta a coordenadora da BU, Luiza da Silva Kleinubing.

Contanto com uma paleta de cores de apoio, uma fonte principal e uma secundária, desenvolvida especificamente para a BU, com uma série de elementos ornamentais e um estilo visual de ilustração, a partir de colagem com fotografias e uma linguagem versátil, passeando pela formal e informal, adequando-se aos conteúdos, de forma amistosa e com bom humor, a identidade foi criada.

O serviço da BU não se restringe apenas aos docentes, técnicos e discentes da instituição, inclui um público mais amplo, que ultrapassa a universidade em si. A Biblioteca Central (BC), por exemplo, é também local de estudo para concursos, aulas particulares ou mesmo espaço de trabalho remoto. Assim, entre as intenções do projeto está, também, a aproximação cada vez maior com outros públicos, como um espaço aberto para leitura, trabalho, ou lazer.

Entre as referências para o projeto, destaca-se as Bibliotecas Parque do Estado do Rio de Janeiro, que contam com ambientes de convivência, estudo, exposições, salas de vídeo, oficinas, além do acervo. Esse posicionamento representa uma mudança no conceito de biblioteca, substituindo a imagem de espaços individuais e sóbrios, por ambientes de interação e colaboração.

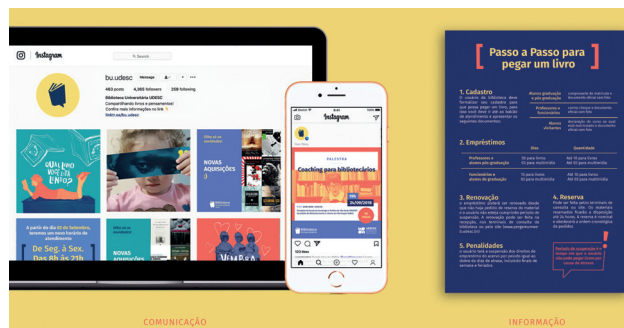
Após meses de muito estudo e diversas reuniões para a discussão do projeto, em 2019 teve início a implementação do sistema da nova identidade e das estratégias de comunicação. Assim foi criado um Setor de Design e Comunicação dentro da BU, incluindo bolsistas do curso de Design, com a supervisão da

professora Anelise Zimmermann e profissionais da biblioteconomia. Nesse setor, atuaram e atuam os bolsistas os discentes Sara de Bem Apolinário, Gabriela Parucci, Débora Fólis, Isadora Sánchez, Leticia Bianchetti, Igor Chede, Larissa Reis.

Para completar as ações de interação e mudanças, foram realizados diversos eventos de integração, como exposições, recitais, shows de talentos e grupos de leitura, seguindo a linguagem descontraída e o novo posicionamento da biblioteca. Convém destacar que muitos desses eventos já aconteciam anteriormente, por iniciativa de diversos profissionais, porém, não possuíam uma comunicação única direcionada a uma identidade.

Integração entre as 11 bibliotecas da Udesc e nova sinalização completam a identidade

Em maio de 2020, foi feita a integração das 11 bibliotecas da Udesc nas mídias digitais, que antes funcionavam de forma independente. Essa união, em tempos de isolamento social, contribuiu significativamente para o alcance e compartilhamento dos conteúdos produzidos pelas equipes. Nesse período, os inscritos no canal oficial



Identidade da BU se estendeu às redes sociais e integrou as 11 bibliotecas da Udesc. Foto: Divulgação

do YouTube (Bibliotube) passaram de 15 para 1.910, enquanto no Instagram os seguidores passaram de 1.274 para 4.355. São diversos compartilhamentos, tutoriais sobre desenvolvimento de pesquisa e formatação de trabalhos acadêmicos, além de transmissões ao vivo com convidados e temas relacionados à leitura.

Os espaços físicos da biblioteca acompanharam as mudanças, com o desenvolvimento e implementação de um novo projeto de sinalização. Diante da nova identidade visual, percebeu-se a necessidade de rever a sinalização e a ambientação do local para que elas condissessem com o novo perfil. Assim, a proposta de se inspirou na linguagem amigável e divertida da nova marca da BU, buscando contribuir para um ambiente mais acolhedor e descontraído, com boa navegação para os diversos perfis de usuários.

Tal tarefa ficou sob responsabilidade do Laboratório de Design (LabDesign) do Ceart – por meio dos bolsistas Cecília Cecchet, Isadora Noal, Lucas Grangeiro e Rafael Akira – sob coordenação do professor Maurício Elias Dick. Na primeira etapa, foram realizados um mapeamento e uma classificação das sinalizações existentes e dos pontos em que estavam fixadas. Em um segundo momento, foi feito um estudo de *wayfinding*, isto é, como as pessoas se orientavam pelo espaço físico e navegavam de um lugar para outro. Na sequência, foram reunidas referências visuais, montados painéis semânticos, geradas alternativas e realizados diversos testes no local para garantir visibilidade e legibilidade das informações, bem como a fidelidade com a identidade da biblioteca. Como resultado, o novo projeto de sinalização mantém unidade com nova marca da BU, onde a tipografia utilizada prioriza a legibilidade e as cores segmentam e identificam os diferentes espaços físicos do prédio. Além disso, foi desenvolvida uma família de



Projeto de sinalização da BU. Fotos: Divulgação



Espaço físico e alguns detalhes da sinalização
Foto: Divulgação

pictogramas própria para atender às especificidades do projeto.

A proposta ainda está em implementação e o objetivo é aplicá-la nas demais unidades da BU. Na Biblioteca Central (BC), onde parte da sinalização foi instalada, já é possível observar mudanças significativas no uso e percepção dos espaços pelos frequentadores. “O projeto de sinalização da Biblioteca Central trouxe unidade e identidade ao espaço, delimitando as formas de utilização de cada ambiente da Biblioteca e garantindo que os usuários tenham maior autonomia e independência na ocupação do prédio. Complementarmente ao projeto de sinalização, foi realizada a ambientação dos espaços, que permitiu criar um clima de diversão, descontração e integração no ambiente da Biblioteca”, relata a coordenadora da BC, Letícia Lazzari.

Ainda em 2020, a BU também incorporou o projeto Espaço Inovador de Ensino – ESPINE, da Udesc. Inaugurado em março, na Biblioteca Central, o espaço conta com os espaços *coworking*, *maker* e sala dinâmica, equipados com novo mobiliário, tela multiuso, impressora 3D, computadores com *softwares* variados, bancadas de trabalho, além de muitos pufes e almofadas para receber a todos de forma confortável. Todo esse espaço segue a identidade visual da biblioteca, buscando incentivar a criatividade e a conexão entre pessoas. Todas as unidades receberam um conjunto de itens e mobiliários para a criação de espaços criativos.

Por fim, esse projeto, além de levar o Design à biblioteca, propiciou a aproximação entre diferentes setores e áreas da instituição, trabalhando de forma interdisciplinar e colaborativa. Viu só? É a Biblioteca Universitária da Udesc no caminho das bibliotecas do futuro e o Design contribuindo para isso!



Com a nova identidade BU oferece outros materiais aos usuários, de forma colorida e amigável. Foto: Divulgação

Prêmio

Os projetos de sistemas de Identidade Visual e Sinalização da BU receberam os Prêmios Prata e Bronze, respectivamente, no 8º Prêmio Bornancini de Design de 2020, evento de importante reconhecimento nacional. Os projetos concorreram na categoria estudante. A premiação é uma iniciativa da Associação dos Profissionais em Design do Rio Grande do Sul (RS) em homenagem ao designer José Carlos Mário Bornancini. ■

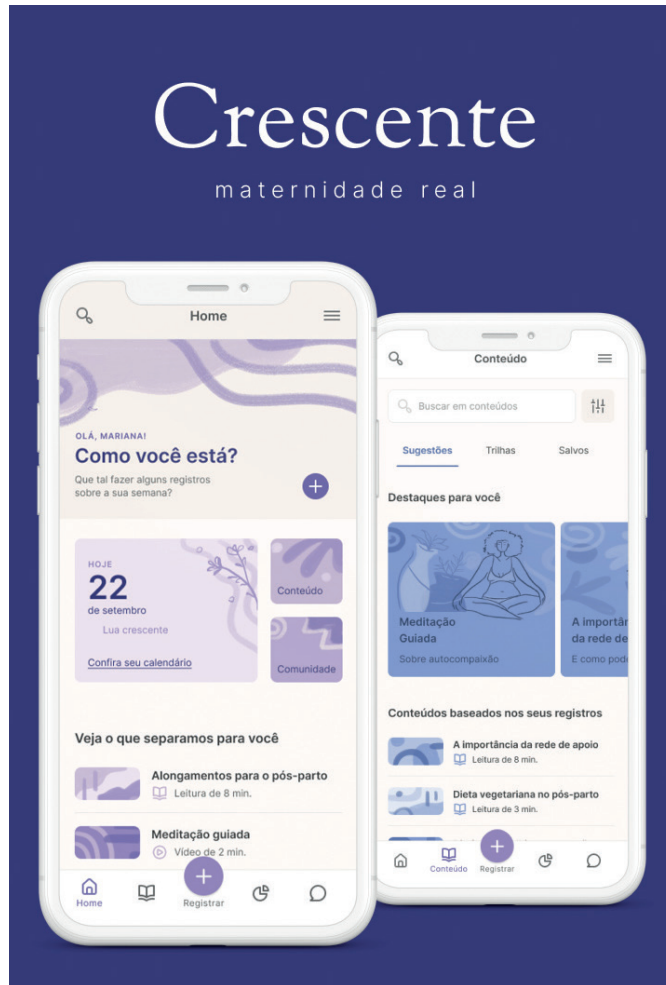
Anelise Zimmermann e Maurício Elias Dick são professores do Curso de Design Gráfico da Udesc Ceart e Maria Eduarda Marcelino, Beatriz Bastos, Isadora Noal são discentes do curso.

Saiba Mais

🌐 <https://www.udesc.br/bu>

▶️ /udescbu

📷 @bu.udesc



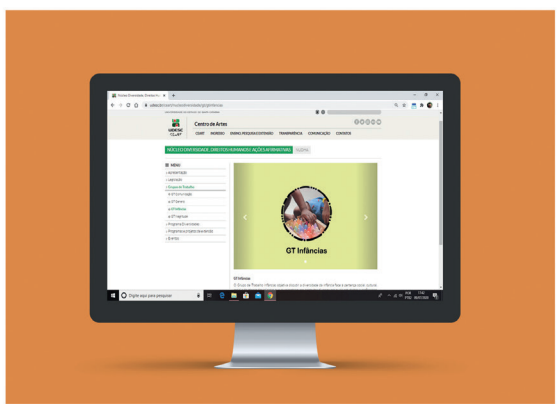
Aplicativo “Crescente”, de Beatriz Bastos e Dafne Miranda. Projeto da disciplina Prática Projetual em Design Gráfico VI 2020/1. Orientadores: Prof. André Kaercher e Prof. Maurício E. Dick

O trabalho foi finalista na categoria de Design Digital (estudante) do 8º Prêmio Bornancini de Design 2020



“Intra” - Aplicativo de bem-estar emocional, de Isadora Botelho e Lucas Silveira. Projeto da disciplina Prática Projetual em Design Gráfico VI 2020/1. Orientadores: Prof. André Kaercher e Prof. Maurício E. Dick

“Intra” foi finalista na categoria de Design Digital (estudante) do 8º Prêmio Bornancini de Design 2020.



Branding NUDHA, de Henry Castelar, Hugo Horácio e Paula Martins
Projeto desenvolvido junto ao Núcleo de Diversidade, Direitos Humanos e Ações Afirmativas da Udesc Ceart . Orientadores:
Profa. Anelise Zimmermann, Laís Moser, Maria Aparecida Clemêncio e Prof. Maurício E. Dick
 O projeto foi finalista na categoria Branding (estudante) do do 8º Prêmio Bormancini de Design 2020 e finalista na categoria Design com Impacto Positivo, do Brasil Design Awards 2020



Revista "Trazer à tona", de Dafne Miranda

Disciplina: Prática Projetual em Design Gráfico IV. 2019/1. Orientadores: Profa. Daniela Souto e Prof. Mauricio E. Dick

O projeto foi finalista na categoria Design Gráfico (estudante) do do 8º Prêmio Bornancini de Design, em 2020.



Oficina *Upcycle* com Augustina Comas, durante o FIK 2020
Foto: Divulgação

Moda e sustentabilidade

Programa de extensão Ecomoda traz à tona questões socioambientais e uma perspectiva para a moda e para a sociedade.

Por Neide Schulte e Heloíse Guesser, do Núcleo de Comunicação da Udesc Ceart

Foi no ano 2000, com o início de sua pesquisa em Eco Design e Sustentabilidade que o programa de Extensão Ecomoda do Centro de Artes (Ceart) da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) começa a ser idealizado pela professora de Moda Neide Schulte.

Alguns anos depois, em 2004 com o projeto de extensão 1º VEG Fashion, realizado no 36º Congresso Vegetariano Mundial, em Florianópolis (SC) ele foi se tornando mais concreto e no ano seguinte [2005] se consolida com o objetivo de disseminar o conceito de sustentabilidade na área da moda por meio da educação para a produção e o consumo com responsabilidade socioambiental, e ainda a valorização da cultura local.

O Ecomoda desenvolve ações com foco na promoção da autonomia, do empreendedorismo, da geração de renda e da inclusão social, principalmente de mulheres. Também, promove a interação entre os acadêmicos e a comunidade, por meio do Encontro de Saberes, que ocorre com a participação de convidados que compartilham seus conhecimentos e vivências sobre temas pertinentes à sustentabilidade, com contribuições para a redução dos impactos socioambientais da área de moda, a produção e o consumo sustentável, a economia solidária, circular e criativa, o comércio justo e o compartilhamento.

Contribuir para a identificação das causas e das soluções dos problemas gerados pela indústria da moda, destacando-se, entre eles, o volume de resíduos têxteis, que podem ser utilizados como matéria-prima para outros produtos, ou ter uma destinação correta, a reciclagem, também são os objetivos do programa. “As ações são desenvolvidas por meio de projetos, eventos, cursos, palestras, exposições e desfiles, que acontecem na grande Florianópolis e para além dela: percorre outras cidades de todo o Brasil, chegando ao exterior”, afirma Neide.

Acreditar na mudança do rumo da moda, tornando-a mais sustentável, ética e justa, em toda sua cadeia de produção, do berço ao berço, é o que leva a professor Neide Shulte a seguir com os projetos.

Instituto Trama Ética

Foi a partir do Ecomoda que outras iniciativas surgiram. Dentre elas o Instituto Trama Ética, uma Organização Não-Governamental (ONG), fundado em 2013. Nele participam ex-alunos do Ceart, professores e a comunidade em geral. O Trama Ética veio por meio de projeto realizado no Presídio Feminino de Florianópolis, onde desencadeou a sua criação com o objetivo de ampliar a atuação das mulheres, visto que havia a necessidade de se buscar mais recursos financeiros.

O instituto atua com empreendimentos de economia solidária, na autogestão, na valorização do ser humano e suas diversidades, coletividade e democracia, comércio justo, inclusão social e respeito ao meio ambiente. Sua marca maior são as oficinas e cursos de capacitação gratuitos sobre ecomoda e artesanato com reuso de materiais, capacitando e dando a oportunidade para as reeducandas retornarem para o



Vestido de crochê feito pela reeducanda M.Q. no Presídio Regional de Tijucas. Foto: Divulgação

convívio em sociedade com autonomia, conhecimento e empreendedorismo. Principalmente as capacitando com dignidade e autoestima.

“A Trama Ética é um ecossistema de pessoas que compartilham saberes em ecomoda com a comunidade. Nas formações são trabalhadas propostas para empreendimentos de *slow fashion*, com peças de vestuário que são recuperadas ou transformadas com técnicas manuais: customização, *patchwork*, bordado, crochê, renda de bilro, estamparia, tingimentos e *upcycle*, ou com peças feitas com algodão orgânico, ou reciclado, valorizando a cultura local. Tudo é feito com tempo, pelas mãos de quem vive bem o presente e pensa no futuro, na sustentabilidade”, afirma a coordenadora.



Neide Schulte na oficina de Criação de Superfícies com Resíduos Têxteis. Foto: Acervo Udesc Ceart



Exposição no FIK 2020 chama a atenção e objetiva a conscientização sobre o consumo. Foto: Jerusa Mary



Desfile 2º Floripa Eco Fashion, na Udesc Ceart, durante o Fik 2020. Foto: Jerusa Mary

Empreendedoras da Moda

Outro fruto do trabalho do Ecomoda Udesc, partindo do instituto, é o Projeto Empreendedoras da Moda, promovido pelo Instituto Lojas Renner, de setembro de 2018 a julho de 2019, que contou com a participação de Neide na organização, em Florianópolis. O Programa Ecomoda Udesc e o Grupo Integrado Obras Sociais - GIOS foram parceiros na realização do projeto. Um grupo de oito mulheres da Trama Ética e mais outros cinco grupos participaram da formação, entre eles o Armário Coletivo, um projeto de compartilhamento de roupas que existe nos bairros de Florianópolis.

Desenvolvido com a metodologia *upcycling* escalável, da estilista Augustina Comas, da marca Comas, de São Paulo, o projeto teve o objetivo de buscar soluções para o pós-consumo, por meio da logística reversa, e também, para peças que são descartadas pelo controle de qualidade da marca Renner. Customização, reciclagem, reutilização de materiais, ressignificação das roupas dão a estes “descartes” nova vida e nova história.

Floripa Eco Fashion

Por meio de palestras, exposições, oficinas e desfiles, o Floripa Eco Fashion é mais um projeto que vem a somar entre as ações do Ecomoda Udesc. Uma importante iniciativa que conta com a coordenação da professora Neide Schulte, junto com a equipe do Instituto Trama Ética, e que teve a 1ª edição em dezembro de 2018.

“O Floripa Eco Fashion surge para conectar o público e as iniciativas de moda, design e artesanato que primam pela sustentabilidade e responsabilidade socioambiental. Ele apresenta marcas autorais, de

slow fashion e artesanais, que estejam ligadas a um ou mais Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), além de empreendedores, empresários, estudantes e público em geral interessados no aprendizado de como colocar a sustentabilidade em prática”, explica Neide.

Em 2020, no 2º Floripa Eco Fashion, durante o Festival Internacional de Arte e Cultura José Luiz Kinceler - FIK 2020, não foi diferente. A edição contou com a presença de importantes nomes da área da moda que atuam com sustentabilidade, dividido em quatro dias de programação com palestras, oficinas, exposições e desfile valorizando o fazer da moda com menos impactos socioambientais.

Acreditar na mudança do rumo da moda, tornando-a mais sustentável, ética e justa em toda sua cadeia de produção, do berço ao berço é o que, segundo Neide, a leva seguir com os projetos. A sustentabilidade na prática faz parte dos objetivos dos trabalhos que desenvolve em todos os âmbitos de sua carreira. Neide Schulte gosta de citar e praticar a frase de Gandhi: “Seja a mudança que você quer ver no mundo”.

Sobre a coordenadora

A professora Dr.^a Neide Schulte, coordenadora do programa Ecomoda Udesc, compõe o quadro de professores titulares do Departamento de Moda da Udesc Ceart, atuando na graduação e no mestrado profissional. Tem experiência nas áreas de Artes, Moda e Design com ênfase em sustentabilidade, atuando principalmente nos seguintes temas: design de superfície, desenho digital, estamparia, audiovisual, ecomoda, ecofeminismo, sustentabilidade, responsabilidade socioambiental e cultural, economia solidária, circular e criativa. ■



Exposição “Ecomoda de Rendas de Bilro e Algodão Orgânico”, no evento Açor - Penha SC, 2019.
Foto: Neide Schulte

Saiba mais

Instituto Trama Ética

f /tramaetica

@tramaetica

Ecomoda Udesc

f /ecomoda.ceart

@ecomoda.udesc

Floripa Eco Fashion

floripaecofashion.com.br

@floripa_ecofashion



Balaclavas produzidas pelo projeto da Udesc Ceart
Foto: Felipe Fonseca

A Moda como agente social: projeto da Udesc Ceart ajuda equipes de saúde na pandemia

Por Heloise Guesser, do Núcleo de Comunicação do Ceart

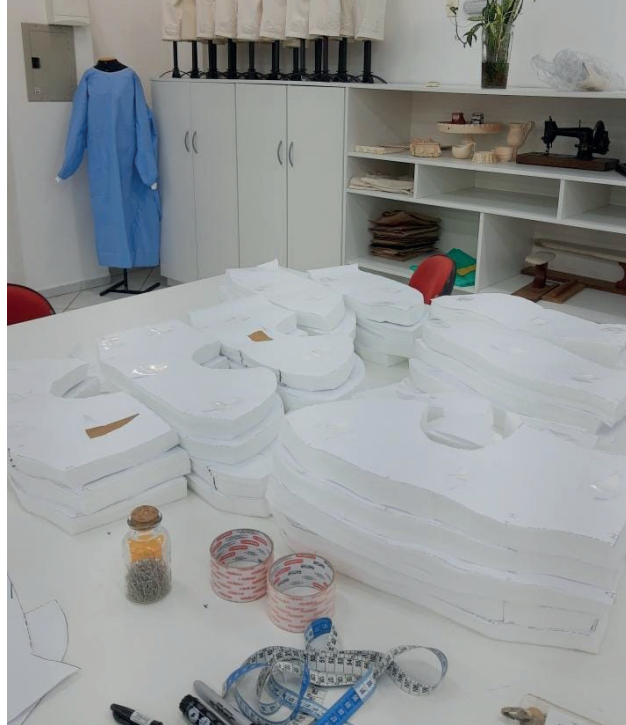
Desde o início do isolamento social, em virtude do novo Coronavírus, a Covid-19, equipes de professores e estudantes do Centro de Artes (Ceart) da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) se engajaram no enfrentamento da pandemia. Entre os projetos realizados, como os do Departamento de Design, está o projeto do curso de Moda, que entregou balaclavas (toucas de TNT), para profissionais de hospitais, da região da Grande Florianópolis.

Sob a orientação técnica do professor Lucas da Rosa e com o apoio do Centro Acadêmico de Moda, uma equipe de estudantes trabalhou no Ateliê de Confecção da Udesc Ceart, produzindo as balaclavas descartáveis, um importante equipamento de proteção individual. O projeto que começou no Hospital Regional de São José, se ampliou e totalizou na confecção e entrega de 3588 balaclavas, sendo distribuídas 1.061 para o Hospital Infantil Joana de Gusmão, 160 para o Hospital Celso Ramos, ambos de Florianópolis e 2.367 para o Hospital Regional de São José. O equipamento de proteção é utilizado para retenção de gotículas de fluidos, especialmente por cirurgiões e profissionais de UTI's e centros cirúrgicos.

Ela cobre toda a cabeça e é muito utilizada sob a *face shield* (protetor facial).

Inicialmente, a equipe contava com apenas oito estudantes de Moda, mas aos poucos, surgiu a ideia da implantação de um esquema de *delivery*, ou seja, um sistema de entregas. Por meio dele, a equipe entregava as peças cortadas e outros colaboradores as costuravam em casa, o que ampliou a produção. “Assim conseguimos contar com apoio de quase 40 pessoas ao longo do projeto, incluindo de outros cursos”, acrescenta Mariana Gusmão Rath, estudante da terceira fase do curso de Moda do Ceart, idealizadora do *delivery*.

Felipe Fonseca, estudante do bacharelado em Moda e coordenador do projeto, diz que algumas tarefas não exigiam tanta técnica e puderam ser facilmente ensinadas para quem tivesse interesse em contribuir. Outras pessoas que já tinham um pequeno conhecimento em costura foram instruídas e participaram da confecção das balaclavas. “O projeto começou com uma demanda do Hospital Regional de São José, que procurou a universidade e com a divulgação das primeiras notícias, outros hospitais entraram em contato: primeiro o Celso Ramos e depois o Hospital Infantil”, acrescenta Felipe.



Material no processo de corte para a confecção das balaclavas
Foto: Felipe Fonseca



Balaclavas produzidas e prontas para a distribuição
Foto: Mariana Gusmão Rath

Lídia Hadlich Viana, esposa de Acklei Viana, diretor-técnico do Hospital Regional de São José, foi quem procurou a universidade para atender a demanda dos equipamentos e conseguiu a doação dos materiais para a produção. Esta foi a primeira vez que trabalhou em conjunto com uma universidade pública e, para ela, a experiência foi muito especial. “Havia muita tensão e medo, e ter a universidade ao nosso lado foi como um lembrete de que tudo daria certo”, conta. “O professor e os alunos representaram um exército naquele momento”, relata Lídia.

A equipe, além de contribuir aos hospitais, também produziu, com o resíduo das balaclavas, 70 máscaras de proteção facial, comuns, que foram distribuídas para a equipe de segurança, limpeza e jardinagem do Campus I, da Udesc, em Florianópolis.



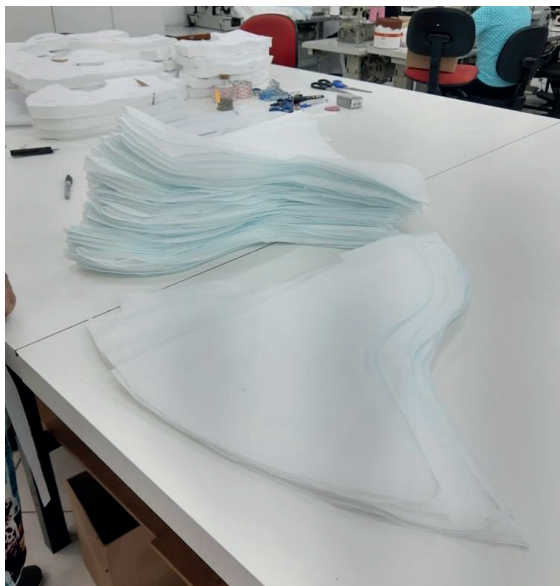
Equipe da Sala Covid do Centro Cirúrgico do Hospital Regional de São José/SC. Foto: Divulgação

Prática e aprendizagem

Outro fator positivo sobre essa ação, é que ela proporcionou que os estudantes colocassem em prática os conteúdos aprendidos durante a graduação, tais como o uso de *software* para ampliar o aproveitamento dos insumos, auxiliar no enfiesto [operação na qual o tecido é estendido em camadas] e corte em massa; prototipagem do produto e a confecção em linha de montagem para ampliar a capacidade produtiva. Ao longo do projeto os colaboradores, em especial os estudantes da Moda, tiveram contato com pesquisas que visavam desenvolver novas formas e novos tecidos que se adequassem à realidade dos profissionais de saúde.

Felipe ressalta sobre a importância social do projeto:

“A ação foi de extrema importância pois prova que a Moda é, antes de tudo, um campo social. E que há diversas formas que nossa área pode contribuir para o desenvolvimento da sociedade. Estar presente no Centro de Artes nesse momento foi bastante simbólico. O Ceart apresentou diversas ações no combate à pandemia, mostrando que não somente a saúde e as áreas tecnológicas, mas nós, artistas, também temos muito a contribuir”, afirma Felipe Fonseca que finaliza falando sobre a importância da participação coletiva: “Agradecemos a todas as pessoas que de alguma forma colaboraram com o projeto. A equipe diretiva do Centro de Artes, o Departamento de Moda, a equipe do Centro Acadêmico de Moda, as profissionais da limpeza e, principalmente, as voluntárias da costura. Ações em conjunto são fundamentais para o enfrentamento da pandemia”. ■



A equipe recebia o material recebido e o preparava com os cortes para a entrega aos colaboradores para finalizar as costuras. Com isso o projeto confeccionou 3.580 peças que foram distribuídas aos profissionais de saúde. Fotos: Lídia Hadlich Viana



“Treze” - Coleção e styling por Mari Danielski. Foto: Danielle Milanez

O trabalho da aluna do bacharelado em Moda, Mariana Danielski representou a Udesc no 10º Congresso Latino-Americano de Moda (IXEL), que em 2020 aconteceu virtualmente. Mariana assina a coleção do *fashion film* “Treze”. Inspirado em música alta e pela juventude, “Treze é sobre as coisas que você ainda se lembra sobre a noite passada. É sobre essas noites que nunca mais voltam, mas que estão lá todos os finais de semana”, conforme é apresentado. A direção é de Livia Aprá e é estrelado por Bibiana Guerreiro.



Jaquetas do leilão “Rendas do Bem” - parceria entre o programa de extensão Moda e Economia Criativa e AMUCC. Fotos: Mariana Gusmão Rath

Orientado pelo professor Lucas da Rosa, do Departamento de Moda da Udesc Ceart, o programa de extensão Moda e Economia Criativa, em parceria com a AMUCC – Amor e União Contra o Câncer, de Florianópolis, participou do leilão “Rendas do Bem”, na campanha Outubro Rosa da associação, em 2020. Bolsistas do programa customizaram quatro das oito jaquetas [fotos 1 a 3] leiloadas virtualmente. As peças receberam a aplicação de rendas de bilro doadas em 2018 e 2019, por rendeiras de Florianópolis à AMUCC. O projeto contou, ainda, com o trabalho da estilista Camila Fraga (foto 4), do atêlie Toré (foto 5) e do atêlie Pawlick (foto 6)



Madrigal Udesc na
Mostra de Corais no CIC
Foto: Acervo Madrigal Udesc

Engenho Musical: a prática da música na extensão universitária do Ceart

Por Cristina Emboaba

O Programa de Extensão Engenho Musical propõe a formação de grupos musicais e de estudo em música organizados em quatro ações, ou projetos, abertas à comunidade da Grande Florianópolis e da comunidade universitária (servidores, discentes e egressos), são eles: Big Band Udesc, Madrigal Udesc, Grupo de discentes Compositores e Regentes e Coral Infantil Viva a Voz. A proposta busca desenvolver nesses grupos a articulação das principais atividades musicais: poética (composição), prática (performance) e teoria (musicologia e pesquisa), numa íntima relação com o ensino e a pesquisa para a fundamentação das atividades.

Nos cursos de Música oferecidos pela Udesc Ceart ainda não estão contemplados alguns setores da Música presentes na sociedade catarinense: instrumentos de sopro e quarteto de jazz. Para atender os (as) discentes e pessoas da comunidade que se interessam por instrumentos de sopro e repertório de música instrumental, foi criada a Big Band Udesc, que proporciona a prática instrumental, a composição de obras autorais e arranjos do repertório para essa formação, bem como a experiência com regência e direção musical da formação bandística.



Big Band Udesc no espetáculo “A Era do Rádio”, em 2017, nas comemorações dos 20 anos da Rádio Udesc FM
Foto: Tatiane Rosa

Nesse mesmo viés, foram criados os grupos vocais Madrigal Udesc e coro infantil Viva Voz para intensificar a prática vocal e funcionar como laboratório de Regência Coral, área de expressiva demanda em Santa Catarina. Para dar conta da produção de repertório e direção musical dos grupos, formamos o quarto grupo desse programa destinado ao laboratório de composição de obras musicais (autorais e arranjos) para os grupos citados, bem como laboratório de regência e direção musical para auxiliar em suas conduções.

O programa visa proporcionar uma formação acadêmica-cidadã ao estudante da Udesc, fomentar a interação entre a universidade e a sociedade, por meio de grupos de prática musical coletiva, promover a interação cultural e interdisciplinar entre discentes, comunidade e diversos setores da universidade e da sociedade, por meio da montagem de repertório musical dos grupos e do estudo teórico da linguagem musical. Além desses aspectos, tem por objetivo possibilitar o acesso ao conhecimento produzido pela universidade, contribuindo para minimizar as diferenças e desigualdades sociais e regionais, incorporar a extensão universitária como componente curricular e articular as atividades de ensino e de pesquisa com as

áreas de performance vocal e instrumental, composição e regência, e teoria musical. O público-alvo desse programa, e de seus projetos, são instrumentistas e cantores discentes do Departamento de Música, da comunidade universitária em geral, e da comunidade da Grande Florianópolis, desde que possua as habilidades musicais mínimas exigidas.

Os grupos musicais Big Band, Madrigal e Coro Infantil Viva Voz realizam ensaios coletivos semanais, com duração até 2h, compreendendo aquecimento, exercícios técnicos e montagem de repertório, conduzidos pelos discentes responsáveis pela direção musical sob a orientação da professora Cristina Emboaba, coordenadora do Engenho Musical.

Big Band Udesc

O grupo instrumental Big Band e/ou orquestra de sopros, formado por alunas(os), ex-alunas(os) e comunidade da Grande Florianópolis, surgiu em 2016 por iniciativa de um grupo de discentes do curso de licenciatura em Música do Ceart para desenvolver um trabalho musical a partir do repertório instrumental de *standard de jazz* e temas da música instrumental brasileira.



Integrantes do Madrigal Udesc, em 2020
Montagem: Mateus Lanzarin

A composição de obras inéditas, arranjos e adaptações são dos alunos e alunas da Big Band e egressos do curso. Além da prática instrumental e do incentivo à composição musical, o projeto proporciona o interesse pela regência e a possibilidade de exercerem essa atividade em caráter laboratorial junto ao grupo.

O projeto recebe cinco bolsas de cultura oferecidas pela universidade, por meio da Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Comunidade (Proex), divididas e usufruídas pelos(as) discentes nas funções de instrumentista, compositores e diretores musicais. No período de pandemia, em 2020, o grupo optou pela manutenção das atividades à distância com aprimoramento da performance do repertório, intensificação da divulgação nas redes sociais e montagem de gravações de obras musicais em audiovisuais, que podem ser apreciadas no canal do YouTube da Big Band.

Madrigal Udesc

Formado em 2016, por iniciativa de um grupo de discentes do curso de Licenciatura em Música, o Madrigal Udesc se dedica à interpretação do repertório vocal histórico desde a Renascença até a atualidade, com foco em obras dos séculos 20 e 21. Proporciona

aos participantes, que se interessam por regência coral, a possibilidade de exercerem essa atividade em caráter laboratorial junto ao grupo, bem como a atividade de composição de obras corais, incentivando a investigação em sonoridade e novas poéticas para a voz.

Em 2020, o Madrigal recebeu o honroso convite do coordenador do Festival Música Nova Gilberto Mendes, Lucas Galon, para participarmos da 53ª edição deste importante festival, quando realizamos a abertura no dia 6 de novembro e nos apresentamos por meio do canal do YouTube, fanpage e Instagram da USP Filarmônica

O projeto recebe, atualmente, oito bolsas de cultura oferecidas pela Proex/Udesc, divididas e usufruídas pelos(as) discentes nas funções de cantores, chefes de naipe, orientação vocal, composição e direção musical. No período de pandemia o Madrigal optou pela manutenção das atividades à distância com aprimoramento da performance vocal do repertório, intensificação da divulgação do grupo em suas redes sociais e montagem de gravações de obras musicais em audiovisuais, que podem ser apreciadas no canal de YouTube do grupo.



Coral Infantil Viva Voz, em 2019. Foto: Acervo do projeto

Coral Infantil Viva Voz

Fundado em 2019, o Coro Infantil Viva Voz foi, inicialmente, um projeto vinculado ao programa de extensão Viva a Voz, sob coordenação da professora Alicia Cupani. Em 2020 foi incorporado ao Engenho Musical. O coro infantil é destinado a crianças da comunidade da Grande Florianópolis de 7 a 10 anos e a direção musical é realizada por discentes/monitores do curso de Música e orientados pela professora Cristina Emboaba. Os ensaios acontecem uma vez por semana e tem duração de 1h30.

O trabalho musical do Viva Voz contempla os fundamentos básicos do ensino do canto, exercícios de interação para o canto coletivo, improvisação e montagem de repertório – canções infantis, tradicionais, arranjos e obras autorais compostas especialmente para o grupo pelos discentes envolvidos. Em 2020, no período da pandemia do novo Coronavírus (Covid-19) houve a suspensão da atividade, já que por se tratar de um projeto presencial com crianças, não havia como mantê-lo diante das imposições do momento.

Grupo de Discentes Compositores e Regentes

Formado exclusivamente por discentes do curso de licenciatura e bacharelado em Música como um laboratório, o grupo surgiu para incentivar e promover



Professora Cristina Emboaba por Andrea Saviotti

a experimentação da direção musical e da composição de obras para os grupos musicais do Engenho Musical. Através dessa atividade laboratorial, os(as) discentes tem a possibilidade de vivenciar a interação das atividades musicais da poética, prática e teoria na condução e composição de obras, aplicando em situações práticas os conhecimentos adquiridos no curso de Música. ■

Cristina Emboaba é Professora Dra. do Departamento de Música da Udesc Ceart e coordenadora do programa Engenho Musical seus projetos.

Saiba mais

Big Band Udesc

▶ <https://bit.ly/2Lz0zAw>

f /bandaudesc

📷 @bigbandudesc

Madrigal Udesc

▶ <https://bit.ly/37pgYll>

f /madrigaludesc

📷 @madrigaludesc



Duh Romão
Foto: Divulgação

Carlos Eduardo Romão

Duh Romão, egresso da graduação em Música e recém mestre do PPGMUS, conta sobre a sua relação com a música e o cavaquinho

Por Heloíse Guesser, do Núcleo de Comunicação da Udesc Ceart

O egresso do curso de graduação em Música da Udesc Ceart e recém mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Música (PPGMus) do centro, começou tardiamente a faculdade, mas cedo o seu percurso musical, que vem de berço. Negro, da região continental de Florianópolis, Duh Romão traz um pouco da sua experiência e conta que, por influência do avô paterno, a música pulsa em sua veia e é motivo de realização. O cavaquinho? Seu fiel escudeiro, motivo de alegria em sua vida, foi [e é] seu objeto de estudo, que o leva às origens, das suas próprias histórias e de várias outras “mãos de ébano”, que o conduzem.

1. Hallceart: Como surgiu a sua relação com a música?

Bom, eu sou nascido e criado em uma família de sambistas da Grande Florianópolis. Meu falecido avô materno, Ascindino Francisco Romão, fazia demasiadamente festas na sua casa, nº 131 da rua Eugênio Portela. Nessas festas sempre tinha a música como carro chefe, o samba, a seresta e às vezes o choro, que aconteciam no quintal que, por coincidência ou por estratégia era no fundo da propriedade. Me lembro do cavaquinho e do violão nesse ambiente, mas o que chamava mais a minha atenção entre os 3 e os 8 anos, era a percussão, porque no terreno existia um rancho com muitos surdos, repiniques, tamborins,

chocalhos, ganzás, coisas que as crianças gostam de mexer e brincar de tirar som. As rodas eram sérias, só os adultos podiam tocar, mas me lembro que em inúmeras ocasiões eu fiquei entre as pernas do meu avô, vendo-o tocar pandeiro. Mas, eu fui criado por outra família, branca, em uma espécie de adoção, pois minha mãe biológica era solteira e trabalhava até muito tarde, então minha infância foi entre esses dois ambientes.

2. Hallcart: E como o cavaquinho entra na sua vida?

No ano de 1991, ao participar dos ensaios e desfilar no Bloco Liberdade, do meu bairro Procasa, o cavaquinho passou a chamar minha atenção. No desfile na passarela do samba Nego Quirido, naquele ano, eu falei: “é isso que eu quero”. Mas eu não tive apoio da família, pois a música para uma família negra, em meados dos anos 1990, só poderia ser encarada como entretenimento e não como possibilidade de trabalho. Dos 14 para os 15 anos, eu ganhei um cavaquinho, com uma condição: que eu estudasse outra coisa, e assim fiz. Nesse período, sem deixar a música, tinha uma rotina puxada, estudava no segundo grau com exigência de notas boas, trabalhava de office boy e tocava nas noites em bares e casas de shows com grupos de samba e pagode do bairro.

3. Hallcart: Como você começou os estudos com a música, nessa época?

Em grande momento da minha vida fui autodidata, muitos anos após já tocar em bandas e depois da condição de trabalho consegui começar a estudar com o saudoso Andy do Cavaco, no Morro do 25. Nesse processo mais tardio, estudei no antigo Conservatório de Florianópolis, e um pouco antes de ingressar na faculdade, no Centro Musical Wagner Segura.

4. Hallcart: O que o cavaquinho significa para você?

O cavaquinho é uma onda de alegria na minha vida, com ele viajei para fora do Brasil, morei na Europa por 3 anos, toquei no Festival Jazz Montreux, na cena musical *Bateu Jazz Montreux - Soirée Bresilienne* no ano de 2007. Na Suíça, toquei em inúmeros eventos da EuroCopa 2008, além disso, atuei como cavaquinista da Escola de Samba Unidos de Genève, entre 2007 e 2009.



Duh Romão com a Escola de Samba Unidos de Genève, na Suíça. Foto: Acervo Unidos de Genève



Duh Romão em 2008, com 23 anos, tocando na Suíça. Foto: Acervo Duh Romão



O Instrumento de Duh Romão: o cavaquinho. Foto: Duh Romão

5. Hallceart: E o curso de Música, entre como na sua vida?

Após a minha volta resolvi que queria algo maior, e aí comecei a almejar a faculdade, mas o processo foi doloroso, pois tinha que voltar a trabalhar e me dividir entre a música e o trabalho. No ano de 2013, fiz a prova e não passei, mas no ano de 2014, assumi minha identidade em relação às cotas, e passei. Fiz todas as disciplinas com muito foco porque sabia que não tinha tempo para errar, já estava com 30 para 31 anos, e em 4 anos me formei. Minha monografia foi “Cavaquinho em mãos de ébano: três personagens”, orientada pelo professor Sérgio Paulo Ribeiro de Freitas, eu a defendi no dia 7 de dezembro de 2017.

6. Hallceart: Você é egresso da graduação no Ceart e recém defendeu o mestrado. Os seus estudos sempre foram em torno do Cavaquinho?

Sim, sou egresso, fiz ou ainda faço parte [risos] do Programa de Pós-Graduação em Música da Udesc

Ceart. Fui bolsista da CAPES e defendi minha dissertação de mestrado com o título “Acordes para cavaquinho: cifras e outras escritas no método popular de Henrique Souza (1913 - 1990)”. Defendi no dia 08 de dezembro de 2020, na linha de pesquisa Teoria e História. A minha pesquisa foi em relação ao mundo do cavaquinho sim, melhor dizendo, foi uma pesquisa sobre o método publicado por um cavaquinista negro, Henrique Souza, conhecido como Pechincha. Meu orientador foi, mais uma vez, o professor Sérgio Paulo Ribeiro de Freitas.

7. Hallceart: O que a Udesc te trouxe, além de aprendizados técnicos. Mudanças e lições de vida?

A Udesc contribuiu para uma nova visão de mundo e música que não é antagonica, com a qual eu vivia. Acabou somando subsídios para a minha caminhada dentro dos estudos acadêmicos e da minha vida como cavaquinista.

8. Hallceart: Atualmente, como é a sua atuação na Música?

Atualmente, estou dando aula de música num espaço que eu idealizei chamado Centro Musical Duh Romão, conto com outros profissionais renomados da cidade para lecionar aulas de cavaquinho, banjo, violão, guitarra, canto, flauta e outros. Artisticamente, faço parte da Orquestra Brasileira que tem como diretor o Maestro Zago, e no âmbito do samba componho o time dos músicos de apoio do Grupo feminino “Entre Elas”, atuando como banjista. Academicamente, pretendo seguir escrevendo, no sentido de contribuir com histórias dos músicos negros no Brasil, principalmente, as vidas dos cavaquinistas “mãos de ébano”.

9. Hallceart: Hoje, qual mensagem você gostaria de deixar aos que querem viver de música e para música?

A mensagem que deixo é que o músico mesmo que por inúmeras vezes se destaque de forma singular, ainda assim, tudo isso é fonte de um trabalho comunitário e das vivências particulares de cada um.

10. Hallceart: Desse percurso na música, dentro do Ceart, o que mais te marcou?

A integração com o contexto acadêmico trouxe novos mundos musicais para minha vida, destaco a minha participação com o cavaquinho no espetáculo “A era do Rádio”.

11. Hallceart: Você recém recebeu o título de mestre, no PPGMus, o que isso representa para você? O que você leva desse aprendizado e quais os frutos que gostaria de colher com esse título?

O título de mestre em minha vida surgiu do incentivo dos professores do Ceart que viram pertinências na minha pesquisa, um olhar quase suburbano com a visão de um cavaquinista negro. Agradeço o meu orientador Sérgio Paulo Ribeiro de Freitas que me ensinou ter uma postura crítica e um olhar aguçado para questões da minha pesquisa. O meu título representa um enorme esforço de vida, acredito que os frutos vão aparecer, mas afirmo que meu título de mestre não está estacionado, porque tem muitas reflexões sobre o racismo na Música Popular do Brasil. Fiz uma pesquisa com muita cautela para que outras pessoas como eu possam contribuir para esse tipo de estudo. ■

Saiba mais

f /duh.docavaco @duhromao



No ensaio do espetáculo “A Era do Rádio” com os colegas da Udesc Ceart. Foto: Acervo Duh Romão



Duho cavaquinista Mestre Siqueira, na Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro. Foto: Acervo Duh Romão



Luigi Brandão e Igor Tomé

Concerto "Duo Tomé-Brandão: Obras para dois violões", no Festival Internancional de Arte e Cultura José Luiz Kinceler - FIK 2020

Foto: Verônica Gazola



Cantus Firmus - Música Medieval e Renascença.

Apresentação musical "Amores ilícitos, batalhas e belezas: canções da renascença francesa", no Festival Internacional de Arte e Cultura José Luiz Kinceler - FIK 2020. Foto: Verônica Gazola



Guilherme Antônio Sauerbronn, professor do Programa de Pós-Graduação em Música (PPGMus)

Recital de piano - Sonata Op.9, nº1 de João Domingos Bomtempo, no Festival Internancional de Arte e Cultura José Luiz Kinceler - FIK 2020

Foto: Jerusa Mary



Camerata de Violões, da Udesc Ceart

Com a apresentação "Violões da Udesc", o grupo, sob o comando do professor Bruno Madeira, esteve na 2ª edição do Circuito Universitário Sesc-Udesc de Artes Cênicas e Música, em 2019. Foto: Mariana Passuelo



Ator Ranieri Souza no registro do ensaio remoto da 1ª Assembleia Comum da montagem teatral do grupo Os Comuns, da Udesc Ceart.
Foto: Bruna Ferracioli

Do “ao vivo” para a live: efeitos da pandemia nas artes da cena

Por Vicente Concilio

O que aconteceu com o teatro, a partir do momento em que surgiram as restrições a eventos e aglomerações públicas, como medida de combate à propagação da Covid-19? Mais correto talvez fosse questionar o que fizeram os artistas diante desse panorama. O teatro seguiu e segue existindo como manifestação artística, inclusive incorporando, nos locais em que há retomada de sessões, o distanciamento social entre as pessoas da audiência e também entre artistas em cena – e certamente, com uso obrigatório de máscaras.

Mas enquanto essa retomada não veio, o que aconteceu com a cena? Como foi possível, no período de confinamento, seguir realizando projetos artísticos que, até então, surgiram com o ímpeto da troca presencial entre artistas e público, e que existiam como obra projetando cenas que dependiam de convívio, ou seja, audiência e artistas compartilhando o mesmo espaço, ao mesmo tempo?

Inicialmente, tudo foi tragado para as telas. Seja por meio da profusão de *lives* que tomaram conta das redes sociais, seja por meio da generosidade de muitos coletivos e autores que decidiram tornar público suas obras

em registros audiovisuais, durante a primeira fase da “quarentena” (quando ingenuamente achávamos que tudo aquilo ia durar quarenta dias) houve uma empolgação genuína com a possibilidade de acesso a muitos trabalhos que, antes, dependiam da ida ao teatro.

Não precisamos entrar no mérito do quanto esse tipo de experiência pode ser validada como “teatral”. Como fenômenos complexos, as manifestações cênicas são experiências que extrapolam a relação visual. Mas o importante é que havia arte acontecendo, e havia também um desejo dos artistas em seguir enfrentando as limitações que se impuseram.

Não tardou para que as plataformas de reuniões virtuais fossem incorporadas às criações – ou seja, o tempo era compartilhado e solucionava-se a restrição ao deslocamento, muitos espetáculos foram adaptados, ou surgiram nesse formato – e prontamente, o surgimento de uma variedade de formas demonstraram que o confinamento e a necessidade (tanto a de sobrevivência dos artistas quanto a de seguir criando) promoveram uma rápida apropriação das redes sociais pelas artes da cena. Nesse contexto, outras propostas começaram a aparecer: experimentos por aplicativos de mensagem, peças que simulavam radionovelas, micro performances cotidianas, entre tantas outras visualizadas em diferentes telas, de diferentes tamanhos.

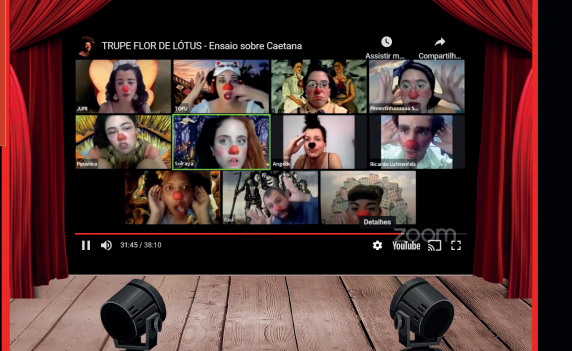
É difícil de nomeá-las. É uma *live* no Zoom? É uma transmissão de uma peça gravada no YouTube? É uma transmissão gravada de uma peça ao vivo? É um experimento pessoal imersivo? Uma dança em coro individualizada? Dar nomes a essas práticas é uma forma de expandir os limites daquilo que achávamos que sabíamos na relação entre o teatro e a linguagem audiovisual.

Essas mudanças também chegaram nos contextos do ensino das Artes Cênicas. Professoras e professores tiveram que reinventar aulas, com todos os desafios implicados na transformação de uma atividade que normalmente é pautada na construção coletiva e nas práticas em grupo, em encontros mediados por telas com todas as limitações por elas impostas. Cortou-se o contato físico, tão presente na cena.

A duração desse período de distanciamento está sendo longa. O que vai prevalecer: a saturação, ou a permanência, de todas essas invenções? Isso certamente dependerá do quanto essas novidades seguirão despertando o interesse. Será que, passada a pandemia, renovaremos nosso desejo pelas manifestações de presença concreta, seja nas Artes Cênicas, nas ruas e nas festas, em todas as aglomerações, antes tão normais? Vai sobrar algo de interessante desses experimentos que produzimos na pandemia?



Com a pandemia, os grupos se voltaram ainda mais às redes sociais que permitiram o contato com o público e a divulgação dos trabalhos realizados, como a Trupe Flor de Lótus, da Udesc Ceart, nesse registro do *feed* do perfil @trupeffordelotus, no Instagram



Captura de tela da Trupe Flor de Lótus, da Udesc Ceart, no ensaio da peça virtual “Ensaio Sobre Caetana”
Foto: Drica dos Santos

O departamento de Artes Cênicas e suas ações em tempos de distanciamento social

Programa de Extensão Teatro e Infâncias

Uma das ações do Programa de Extensão Teatro e Infâncias, coordenado pelo professor Diego de Medeiros Pereira, é a formação continuada de profissionais da Educação Infantil de Florianópolis. Há 10 anos o grupo “Trupe da Alegria” investiga a criação de espetáculos para crianças e, nesse contexto pandêmico, transpôs os encontros presenciais às telas.

São realizadas propostas semanais – uma semana com encontros síncronos e outra, com atividades assíncronas (tarefas de criação). Nos encontros “ao vivo”, Diego e as bolsistas do programa (Isabeli e Yoshabel) propõem experimentações corporais – com objetos do cotidiano, tecidos, trilhas, sons, além da criação de narrativas e propostas de cena que serão utilizadas no próximo espetáculo do grupo. Divididas em seis grupos, as 24 professoras que participam do projeto criam o material cênico e compartilham depois com o grupo todo, a criação é feita, cada uma em sua casa. Além da manutenção do trabalho artístico do grupo, os encontros buscaram alterar a rotina desgastante que as profissionais da Educação Básica durante o período da pandemia.

Disciplinas de Estágio

O curso de Teatro conta com quatro disciplinas de estágio – duas na comunidade e duas na escola. A proposta do Departamento de Artes Cênicas (DAC) do Ceart foi que os estágios buscassem se aproximar de campos em que houvesse propostas de oficinas online, no caso da comunidade, e encontrassem professores e professoras da Educação Básica que estivessem realizando atividades teatrais virtuais, nos estágios na escola.

Foram muitas as tentativas de lidar com os formatos de aula de teatro remoto, buscando, sempre que possível, oferecer materiais e realizar propostas que pudessem chegar até estudantes das escolas participantes, pois sabemos da dificuldade ao acesso à internet, os quais muitos nem têm. Dentre as propostas criadas neste período estavam vídeos gravados indicando a realização de atividades teatrais; criação de personagens para as crianças; tarefas com narração, nas quais os estudantes usam apenas o áudio, ou vídeo, criados com seus celulares; elaboração de materiais impressos e entregues para as crianças e suas famílias; entre outras.

Nessa busca, a turma de Estágio em Comunidade acompanhou as aulas de teatro que a Escola de Teatro Faces, na cidade de Primavera do Leste, em Mato Grosso, oferece às comunidades. Com eles, estudantes de Florianópolis puderam aprender como ministrar oficinas de teatro de forma remota, ao mesmo tempo que conheciam a realidade de uma cidade do interior de outro Estado. Essa troca só foi possível por conta da realidade instaurada pela pandemia. Uma oportunidade que de certa forma amenizou a frustração das aulas não-presenciais, pois os aprendizados ganharam novas trilhas.



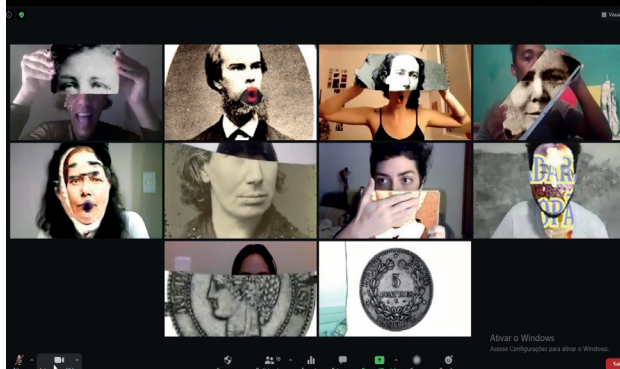
Os Comuns em sala de ensaio do Ceart, pouco antes do isolamento social, em março de 2020. Foto: Bruna Ferracioli

Montagens

As disciplinas de Montagem Teatral também tiveram que correr atrás de estratégias que incorporassem as restrições das plataformas de reunião virtual aos processos artísticos desenvolvidos. Se o presencial não é possível, o que pode ser construído coletivamente por meio do jogo entre telas e corpos?

Um dos processos, “Ensaio sobre Gaetana”, misturou exercícios individuais, conduzidos pela professora Adriana Patrícia dos Santos via *podcast*, com encontros por meio da plataforma virtual Zoom, em que artistas puderam desenvolver seus palhaços e palhaças, ao mesmo tempo em que se debruçavam em improvisações sobre o texto “A Pena e a Lei”, de Ariano Suassuna.

Outra turma se debruça sobre o texto “Os dias da Comuna”, de Bertolt Brecht, aproveitando-se do caráter do texto, que apresenta uma sequência de assembleias, adaptando-as para o formato dos aplicativos de reunião que hoje fazem parte da rotina. Dessa forma, interatividade e encenação virtual ressignificam a proposta original, dando a cara do tempo presente.



Ensaio remoto de Os Comuns: os atores experimentam as possibilidades da ferramenta virtual Zoom a partir da utilização de fotos de figuras importantes da Comuna de Paris
Foto: Túlio Fernandes

Além disso, muitos eventos foram adaptados para o formato online: a comemoração dos 10 anos do Coletivo Nega, grupo vinculado a uma ação extensionista do DAC, propôs uma série de lives e saraus na página do grupo no YouTube. A disciplina “Pedagogia das Artes Cênicas: Percursos e Processos de Pesquisa”, do Programa de Pós-graduação em Teatro (PPGT) do Ceart foi ofertada em forma de encontros virtuais realizados com 13 diferentes pesquisadores e pesquisadoras da área de todo o Brasil, e aberta aos interessados.

As diversas respostas do DAC às limitações impostas pela pandemia demonstraram que o desejo de seguir aprendendo a fazer teatro foi capaz de superar vários problemas. No entanto, essas descobertas são a face visível do desejo de que, o quanto antes, possamos voltar a nos reunir fisicamente em qualquer espaço, não mais separados por máscaras ou telas, a fim de apreciar uma cena que não precise sequer citar a palavra “quarentena”. ■

Vicente Concilio é diretor de teatro e professor da área de Pedagogia do Teatro na licenciatura em Teatro e no Programa de Pós-Graduação em Teatro (PPGT) da Udesc Ceart. Desenvolve pesquisa e projetos de extensão junto com população privada de liberdade, com quem realizou o espetáculo “Estendemos nossas memórias ao sol”.



Raquel Stüpp por Bruno Ropelato

Raquel Stüpp: uma atriz em constante construção

Egressa de Artes Cênicas conta sobre sua multiplicidade e o amor pelo Teatro.

Por Karin Vanelli, da Direção de Ensino da Udesc Ceart

Atriz, produtora, arte educadora, professora, apaixonada pelas linguagens da interpretação, pela arte de comunicar. Natural de Florianópolis, graduada no curso de Licenciatura em Educação Artística – Habilitação em Artes Cênicas pelo Centro de Artes (Ceart) da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) em 2006, a multiplicidade é característica marcante na sua trajetória nas Artes Cênicas, na vida. Raquel Stüpp cria vagalumes no olhar do espectador. Confira.

1. Hallicart: Raquel como você percebe o despertar de um interesse seu pelo Teatro, aquele sopro que movimenta a alma?

Eu lembro de ter sido uma criança muito tímida, agarrada na barra da saia da mãe. Em dado momento da vida, quando eu e minha família enfrentamos o adoecimento dela, foi meu pai quem acreditou ser interessante eu participar das aulas de teatro que eram oferecidas no CIC – Centro Integrado de Cultura, aqui em Florianópolis. Isso foi um acontecimento na minha vida, mais que um sopro “explosão!” como diria Clarice Lispector.

2. Hallicart: E o que o Teatro te desperta ali?

Esse contato com o Teatro foi mesmo um encontro que me despertou para muito na vida. Eu vivi ali um estado de encantamento! Fiz amigos, expandi meu universo, entrei em profunda conexão comigo, e passei a olhar e a descobrir o mundo de outro modo, pela via da emoção no corpo. Eu passei a ser líder na escola, a exercer minha capacidade de engajar, emocionar os outros. Experimentei um sopro de ousadia, de liberdade. Esse mundo novo foi uma possibilidade de sonhar, enquanto a realidade estava se impondo muito dura. O professor Ricardo Bussi foi uma pessoa muito inspiradora, que nos incentivava a seguir estudando, foi ele quem me contou da graduação em Teatro

na Udesc, da possibilidade de seguir estudando e me aprofundando.

3. Hallceart: Como se deu essa decisão de cursar uma universidade em Artes Cênicas?

A essa altura eu estou na fase de escolher o que fazer no vestibular, e já tenho contato ali com meus múltiplos interesses, eu sofro de querer muito. Ingressei em história, cinema, e segui estudando para o vestibular da Udesc, em Teatro. Aquele encantamento com o Teatro continuava reverberando em mim, e eu desejava estudar algo que eu gostasse. Fui pelos meus gostos na época. Meu pai quem fez a inscrição no vestibular para mim, acreditando que eu devia experimentar. Entre uma coisa e outra, minha mãe vêm a falecer, e quando sou aprovada na Udesc já não a tenho comigo.

4. Hallceart: Que transformação a universidade, a graduação em Teatro opera em você a partir daí?

Eu ingresso na Udesc com 18 anos, completamente mexida emocionalmente pelo luto, e então todo universo do Teatro, as pessoas, os professores, a estrutura que a gente dispõe ali, o espaço, o ambiente, eles foram uma espécie de colo para mim. Um campo de transição para minha vida adulta. O curso me despertou de muitas maneiras, um mundo novo de possibilidades, teatro de animação, bonecos, máscaras, as aulas de voz, e eu sentia desejo de conhecer cada vez mais coisas diferentes. Lembro de como me impressionaram os professores, a formação deles. Amizades que fiz nesse período tenho algumas até hoje. Foi importante para mim essa riqueza de possibilidades, eu encontrei lugar também para o que eu vinha estudando, então a relação que eu já tinha com o cinema, com história, tudo fez muito sentido. A universidade assim, com a pluralidade e qualidade que ela entrega, é um espaço de elaboração de si mesmo, muito potente. Tive o meu senso crítico,

social, humanístico muito trabalhados, ampliados, exercitados. Brinco que ali, mais que me formar em Teatro, eu me formei gente. Foi a oportunidade de conviver com pessoas incríveis num ambiente incrível.

5. Hallceart: Que habilidades, qualidades ou características você sente ter desenvolvido e fazem diferença até hoje na tua vida profissional?

Eu não vejo separação entre o ser e o profissional. Eu senti me desenvolvendo como ser humano. No Teatro aprendi a mergulhar em mim e a não ter medo do mergulho. Aprendi a me restaurar. Isso tem muito valor. Aprendi a refletir, a olhar criticamente. Até disciplinas que a gente acha que não servem pra nada, que não têm relação direta assim com o ofício, elas te ampliam. Aquilo fica na gente, como quando uma criança vai ao teatro ela pode não lembrar daquilo exatamente, mas vai levar esse aprendizado, esse encantamento, para a vida. Os trabalhos em equipe, as produções de projetos, estimulam muito o que depois a gente vem a chamar de capacidade de “se virar nos 30” (risos). No primeiro grupo de teatro que fundamos, fazíamos de tudo: cenário, figurino, roteiro, divulgação. E eu sinto



Por Renato Drumond



A atriz em registro de Manuela D'êça Neves

que a universidade nos preparou para isso. Foi no curso também que descobri meu tino para a produção, e nem sei como seria minha vida se eu apenas atuasse. A capacidade de atuar em várias frentes, ela nos dá potência. A rede de relacionamentos, eu segui em contato com o pessoal do curso, muitos dando aula de Teatro. O acesso à cultura também fez diferença, não só os estudos em si, é o universo. Muito dependeu também da minha entrega, e da minha disponibilidade para a vida acadêmica, que por si só é um grande privilégio. Eu vinha de uma família conservadora, de um colégio tradicional, na graduação desenvolvi um espírito mais livre, algo como um outro modo de estar no mundo.

6.Hallcart: E a conclusão da universidade para o ingresso no mercado de trabalho, foi muito diferente do que você imaginava?

Eu tenho uma cena bem marcante dessa época, lembro de estar na Arena, olhar aquele vazio e senti-lo dentro de mim. E agora? Tinha apenas 22 anos, a gente sabe pouco da vida ainda nessa idade. Ali eu tinha tanto. Ao sair perdi muito daquela intensidade. Eu tive frio na barriga, aquela sensação de estar perdida. Na verdade, temos milhares destes momentos na vida, quando algo morre e outros começam a nascer. Fechamento e início de novo ciclo. O que eu precisava para nascer, já estava ali, no percurso que eu havia feito. Comecei a me perceber profissional já na experiência como bolsista,

eu não tinha me atentado para a licenciatura, essa foi mais uma surpresa do curso, do quanto o repertório profissional ali é muito amplo. Fiz meu TCC sobre “o ator de Teatro no cinema” (o cinema seguiu sendo uma paixão, e cursei até o 2 ano) e foi uma maneira de acomodar os múltiplos desejos de ser, que brotaram em mim no processo. Percebo que toda minha trajetória profissional é um reflexo do que vivi ali, as pessoas com as quais me conectei estão na minha vida até hoje, passaram a ser minha rede de contatos, são parceiros de trabalho. Foi do contato com um deles que descolei meu primeiro emprego, uma vaga em produção. A proposta era produção de cinema, mas no fundo, trata-se da mesma produção de arte que aprendemos no curso. Esse foi meu start.

7.Hallcart: Você hoje tem uma carreira com atuação, produção e ensino em Teatro, cinema, TV. Como a multiplicidade, essa capacidade de atuar em diferentes frentes foi marcando a tua jornada?

Verdade, multiplicidade define. Ainda enquanto estava na produção de cinema, aquela, faço concurso e passo a ser arte educadora. Muitos de meus colegas estavam nesse contexto e tivemos ali um contato mais próximo com as diferenças sociais. A falta de recursos. Os estágios são muito importantes, mas quando você está ali como profissional, esperam outra coisa de você. É super desafiador. Percebemos que as crianças dos projetos sociais não sabiam de fato o que era Teatro. E desta percepção criamos o grupo “Teatrando Por Ai” e passamos a levar Teatro para a infância. A gente foi atrás das leis de incentivo para buscar patrocínio, éramos um coletivo que distribuímos as atividades, cada um fazendo aquilo em que era melhor, somando as diferenças. Na verdade, a melhor coisa foi justamente que éramos diferentes. Conseguimos captar recurso. Fizemos a primeira turnê pelo estado e foi muito legal, importante. Esse foi meu despertar. A partir dali foram 12 anos de



Na peça “O Ovo, a galinha e a máquina de escrever”. Foto: Marina Monteiro.

espetáculo para a infância e juventude, em comunidades, assentamos, oficinas para professores. A gente escreveu, fez cenário, figurino, fez logomarca, identidade visual, alugou carro. O percurso da companhia, do grupo, foi evoluindo conosco, na medida em que amadurecemos na vida. Foi possível depois agregar outros profissionais ao grupo, mas não deixamos de realizar na época por conta disso. Posteriormente senti o desejo de realizar um projeto solo, a peça “Malala”, chamei novamente amigos e produzimos juntas. Isso me ampliou as multiplicidades, escrevi, coordenei. Às vezes, executar várias funções numa peça pode atrapalhar o próprio processo criativo, mas também potencializa a possibilidade de realizar, te dá autonomia. Fiz trabalhos muito legais também para a TV como a série “Pequenos Grandes Talentos” - que traz a biografia de grandes personagens catarinenses - o set de filmagem tem lá uma técnica específica, e transitar pelas linguagens da interpretação é desafiador, eu gosto disso e me sinto apta, aberta. Amo o set, amo palco. Me sinto muito em construção, uma atriz em construção.

8. Hallceart: O que você sente ser a entrega social do teu trabalho? Aquilo que intimamente responde a você “isso aqui é o sentido do que eu faço”?

Acho que um deslumbramento bem comum com o Teatro (e eu também tive) é a gente achar que vai fazer

“novela das 8”, que o teu trabalho só vai ser importante se alcançar uma grande plateia. E claro, quanto mais pessoas a mensagem alcançar, melhor! Mas essa foi uma fantasia que aos poucos deu espaço à realidade, e hoje sei que o que dá sentido mesmo, é o quê afinal aquele trabalho comunica? A qualidade daquilo que você está comunicando, com quais discursos se alinha, a quem interessa. Com o tempo fui me impondo o critério esse de realizar cada vez mais trabalhos alinhados com as mudanças que eu gostaria de ver no mundo. Preciso acreditar que aquele trabalho vai tocar, vai dizer algo que eu gostaria de dizer. E aí eu digo. Eu faço. Eu empreendo. Me jogo. Esse sentido encontrei quando interpretei Anita, quando interpretei Malala, quando atuei em Otelo, quando enceno texto de Clarice Lispector. Quando vejo aquelas crianças na escola, com os olhos brilhantes, rindo, acreditando, encantadas com o que é o Teatro, aí sim, como artista, encontro aquilo que eu posso chamar de “isso dá sentido para minha profissão, minha vida!”. Enfrentei algo no sentido de achar que o Teatro para a infância era menor. Hoje sei que se uma ou duas crianças forem tocadas pela arte, ou mesmo pela tua presença, teu abraço, nisso está o sentido. Perceber que minha motivação é o que se comunica com a arte, me faz feliz de estar, portanto, encenando, produzindo, dirigindo esse comunicado. A arte está em comunicar. Assim nesses momentos de troca é que minha fogueira reluz, escapa pelos olhos e serpenteia no ar! Sou uma iluminadora de olhares. ■

Karin Vanelli é bibliotecária, psicanalista, coordenadora e produtora de conteúdo no projeto de extensão @ditoefeitooliterario e atua na Direção de Ensino de Graduação (DEG) da Udesc Ceart.

Saiba Mais

📷 @raquelstupp

📌 /raquel.stupp.5



Trabalho Existencial: Laboratório de Performance

Com Silmar Riodurante, no Festival Internacional de Arte e Cultura José Luiz Kinceler - FIK 2020. Foto: Verênica Gazola



Apresentação teatral “Narrativas de Infância para Ninar um Mundo Doente”, no FIK 2020

Direção de Bárbara Biscaro e Heloisa Marina. Foto: Verônica Gazola

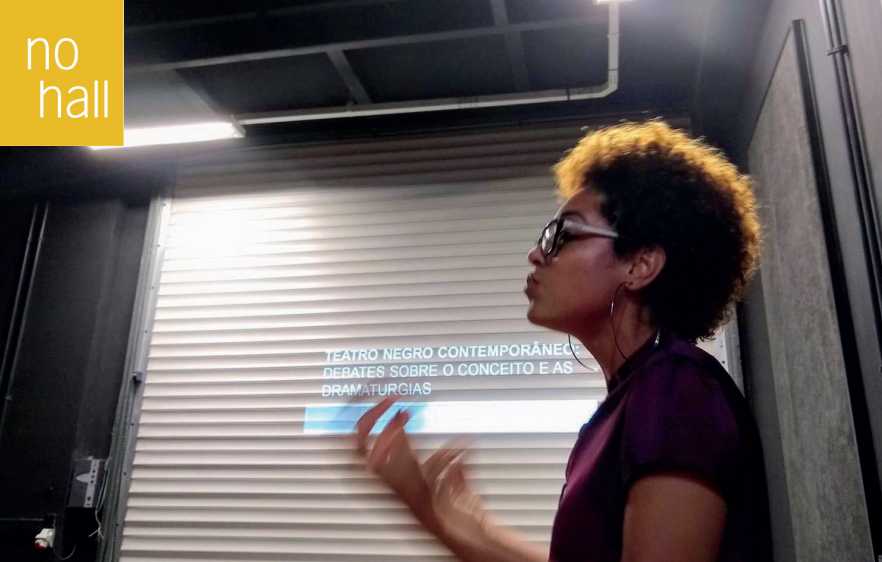


Apresentação teatral "CAOS: uma nova ordem", no FIK 2020. Direção: Guilherme Trautmann
Foto: Jerusa Mary



Intervenções Cênicas de Fernando Bresolin e alunos do Teatro da Udesc Ceart no espetáculo "O Grande Circo Mísitico", com a Orquestra Acadêmica da Udesc, Madrigal e Big Band Udesc, na Semana Integrada do Ceart 2019

Foto: Rafael Prudêncio Moreira. Edição: Nicolas Haverroth



Julianna Rosa na defesa da tese junto ao PPGT Udesc sobre autoria no Teatro Negro. Foto: Acervo Julianna Rosa

Com Ciência Negra

Por Felipe Fonseca

O movimento Vidas Negras Importam, que emergiu após o assassinato de George Floyd nos EUA, em 2020, e se espalhou por vários países, mostrou ao mundo branco a necessidade da revisão de certos conceitos e da adoção de um modo de vida antirracista. Mas o que isso quer dizer?

Num país como o Brasil, construído pela força dos povos negros escravizados, em que a sociedade é fruto de uma diáspora africana e, portanto, majoritariamente negra, o processo educacional deveria ser indissociável da perspectiva racial e decolonial.

Para a Dra. Julianna Rosa de Souza, cuja tese sobre autoria no teatro negro foi defendida no Programa de Pós-Graduação em Teatro (PPGT) da Udesc Ceart, no Brasil se constrói a imagem das pessoas negras associadas ao processo da escravidão, à ideia de inferioridade postulada pelo racismo científico, aos estereótipos do que é ser negra e negro reproduzidos nas narrativas e mídias. É o que Chimamanda Ngozi Adichie apresenta em “O Perigo de Uma História Única”, mostrando que essa é uma realidade presente no imaginário social que ultrapassa as fronteiras brasileiras. A escritora nigeriana diz que desde cedo escrevia seus contos baseados em personagens e enredos estrangeiros, principalmente estadunidenses e britânicos, porque era esse

o tipo de obras que ela tinha acesso em sua infância. Quando cresceu e entrou em contato com escritoras africanas, percebeu que as “meninas com a pele cor de chocolate e cabelo crespo” como ela, também poderiam existir na literatura e serem protagonistas.

No mesmo sentido, Adichie complementa sua obra contando que, quando chegou à universidade nos EUA, um professor lhe disse que o romance que ela havia escrito não era “autenticamente africano”, baseando-se numa história única de África como um lugar com belas paisagens e animais selvagens, pessoas violentas travando guerras, morrendo de fome e AIDS, esperando o salvamento por parte da bondade branca estrangeira. Este professor, assim como tantos outros, era incapaz de compreender a África como um continente dotado de uma diversidade, cedendo a uma imagem de África construída no imaginário social pelo homem branco, desde as explorações colonizadoras do além-mar no século XVI.

Essas reflexões levam a dois pontos importantes. O primeiro deles é a construção da autoralidade na formação da pessoa negra, principalmente em cursos criativos como os de Artes, Design e Moda.

A Dra. Rosa de Souza diz que para ser autora é preciso acreditar que é possível escrever a sua própria história, que falar de si é urgente, que apresentar a história do seu corpo é ser protagonista e sair da camada imposta pela branquitude. Para ela, a autoria se dá também no processo de leitura de outros corpos e imagens. E segundo João Francisco Duarte Junior, todo conhecimento começa no corpo, através dos sentidos.

O trabalho dos sentidos, isto é, dos estímulos sensoriais para a produção de significados, pode encontrar lacunas até mesmo em ambientes pedagógicos mais críticos, devido a uma falta de identificação da pessoa negra estudante com o conteúdo e referências apresentadas. A falta da representatividade negra, ou o excesso da



A Dra. Julianna Rosa é uma das pesquisadoras da área. Na foto está presente na aula magna de Artes Cênicas da UFSC. Foto: Divulgação



A professora Megg Rayara Gomes de Oliveira foi a primeira travesti negra a obter título de doutora no Brasil. Ela esteve na Semana Integrada do Ceart 2019, quando apresentou o documentário e debate “Megg - A Margem que Migra para o Centro”, evento organizado pelo Núcleo Diversidade, Direitos Humanos e Ações Afirmativas - NUDHA, da Udesc Ceart. Foto: Nicolas Haverroth

representação exclusivamente branca, apresenta uma anestesia dos sentidos.

O que leva ao segundo ponto, igualmente importante, o epistemicídio ao qual são submetidos o conhecimento, os sentidos e a autoria negra. Há uma neutralização imposta pela branquitude, ou seja, existe o teatro e o teatro negro, a moda e a moda negra. O conhecimento produzido com base na filosofia branca é a ciência. Já os conhecimentos produzidos com base nas filosofias negras muitas vezes são chamados de “saberes”.

O epistemicídio, nas palavras de Carneiro, se dá na negação às negras e aos negros da condição de sujeitos do conhecimento. E isso se mostra tanto no ocultamento

“O racismo é um processo político e sistêmico de discriminação de um grupo social. Lutar contra isso não é uma tarefa apenas para pessoas negras, mas para toda a população que assuma o compromisso de produzir uma sociedade justa e igualitária.”

das contribuições negras à cultura e à ciência, quanto nas dificuldades encontradas por essas pessoas na rotina acadêmica – tão difícil quanto adentrar o espaço branco acadêmico, é permanecer nele.

A produção do conhecimento está diretamente relacionada à visão de mundo de quem produz. Deste modo, optar pela utilização de referências não brancas é aceitar para o processo educacional visões de uma diversidade cultural que vão além da imposta pela branquitude.

Todos esses pontos levantados até aqui levam a um segundo momento importante dessa discussão: o currículo. Primeiramente, é preciso compreender que o currículo é um espaço de poder, resultado de uma série de escolhas. E toda escolha significa uma perda. Deste modo, deve-se atentar tanto às escolhas, quanto às perdas, para que não se perca o objetivo de uma formação integral, crítica e representativa.

No livro “Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática”, bell hooks diz que é fundamental questionar as parcialidades que reforçam os sistemas de dominação

como o racismo e o sexismo. No entanto, na prática, esses questionamentos nos cursos superiores ficam contidos às disciplinas teóricas como um ponto da ementa.

O Dr. Douglas Ladik Antunes, docente no Departamento de Design da Udesc Ceart, afirma que se os temas de projeto, de disciplinas práticas, enfocarem questões da realidade vivida, nos bairros, da classe trabalhadora, de diferentes lugares, poderia se encontrar uma riqueza de possibilidades.

A abordagem racial não pode estar circunscrita aos limites da teoria. Ela deve ser posta não somente como uma pauta, mas como uma perspectiva transversal e interseccional, ou seja, trazendo consigo os demais aspectos como a discussão de gênero e de classe. Trago um exemplo prático: para além da técnica, uma aula de costura poderia trazer a discussão sobre o cenário profissional da costura no Brasil, composto majoritariamente por mulheres negras em situações precárias de trabalho. Ou ainda, discutir sobre as fortes influências das formas e têxteis na cultura brasileira, provenientes das culturas africanas.

A Dra. Rosa de Souza complementa que tão importante quanto promover significados positivos sobre a identidade negra, é debater e descentralizar a pretensa universalidade da identidade branca. Isso significa retirar o aspecto de neutralidade do que é branco.

“A produção do conhecimento está diretamente relacionada à visão de mundo de quem o produz. Deste modo, optar pela utilização de referências não brancas é aceitar para o processo educacional visões de uma diversidade cultural que vão além da imposta pela branquitude.”

A discussão deve ser feita através da perspectiva antirracista, que consiste em muito mais do que não ser racista, mas lutar contra a estrutura social de discriminação racial. Devem-se equilibrar as referências tanto teóricas quanto práticas, buscando alcançar uma diversidade de perspectivas – racial, de gênero, sexual e geográfica.

Um modo de vida antirracista está em um novo modo de pensar, de ser, de inter[agir]. Ao nos desfazermos do discurso de que “somos todos iguais” e compreendermos que, ao contrário, somos todos e todas diferentes. Colocando o ambiente educacional como o espaço para o contraditório através da diversidade de perspectivas e visões de mundo. Transformando realidades, com ciências. ■



Felipe Fonseca por Gabryel Matos

Felipe Fonseca é estudante do bacharelado em Moda na Udesc Ceart e da licenciatura em História na Universidade Estácio de Sá. Membro do grupo de pesquisa Moda, Artes, Ensino e Sociedade e bolsista de extensão no Laboratório Interdisciplinar de Formação de Educadores (LIFE) da Udesc.



Foto: Acervo da Udesc Ceart,
Juliana Wolfgramm

Edição: Elson Jr

Notas que nos integram...

Por João Calligaris Neto

Nestes 35 anos da Udesc Ceart, gostaria de lembrar algumas personalidades que transitaram e ofereceram suas experiências à construção do ensino das Artes nesta universidade. Neste enlevo procuramos observar traços que aspiram oferecer algumas pistas fugazes, compartilhadas entre nossos pares, daqueles que deixaram seus 'rastros e saudades'. Oferecemos algumas breves notas dispersas destas trajetórias de vida que, de alguma maneira, permanecem na nossa história e, também, para aqueles que querem se encontrar nas vicissitudes do Ceart.

Fazemos isto a partir das nuances evocadas por esses agentes do conhecimento, atores/atrizes que partiram abrindo caminhos partilhados na linha de frente da experiência com que se comunga à arte de ensinar, ou melhor, do apontar direções, e muito mais. A prática acadêmica destes professores apontou para horizontes profundos, os quais permitiram a travessia destas 'bagagens' às gerações vindouras e descortinaram um futuro de transformações e sonhos realizáveis.

Dentre as colegas que nos deixaram essas 'bagagens' valiosas, gostaríamos de trazer à memória duas professoras das Artes: Cristina Pessi, das Plásticas e/ou Visuais e Márcia Pompeo, das Cênicas. Dois sorrisos inesquecíveis, vibrantes e afetuosos. Imaginamos o prazer dos colegas, professores e alunos que puderam estar lado a lado, frente a frente com estes seres de luz. Mulheres tomadas pela força transbordante da paixão de congregar a arte, demonstrando o respeito evidenciado na altiva postura com que elas teceram suas relações afetivas. A empatia era o ápice dos seus fazeres, do compartilhar de suas experiências, seus saberes e suas paixões! Aponta-nos para 'muito' mais além de uma terna mediação, aponta-nos para a força necessária no tocar corações e realizar as práticas por elas desenvolvidas.

Tudo isto se evidencia nos depoimentos de quem teve o privilégio de conviver com estas adoráveis professoras na sua forma mais sublime e cativante. Faz-nos pensar na maneira de como ensinaram as artes e refletiram sobre elas, no respeito e na amorização que nos une. Mulheres de fino tato, fantásticas colegas de profissão, mulheres que

elevaram o espírito da arte de contagiar e ensinar.

Da recente despedida das professoras Cristina Pessi e Márcia Pompeo, voltamo-nos para o início do Centro de Artes, a jornada originária, quando da implantação e implementação do curso de Artes Plásticas pela mão de seu idealizador, que lançou a pedra fundamental do Centro de Artes, o emérito professor Dimas Rosa, fundador e professor de Escultura, já a muito reconhecido pela sua obra. Nesta cadeira de Escultura, pós nosso ilustre fundador, estiveram dois professores que se alternaram na batuta da mesma, os visionários professores Dimas Rosa Filho e José Luiz Kinceler, que como nossas referendadas e queridas professoras citadas aqui, nos deixaram precocemente.

O professor Dimas Filho, após seu retorno do doutorado, migrou para o ensino das artes computacionais em substituição ao fazer mais tradicional, lançando mão dos softwares de manipulação digital, ofereceu-nos com a sua “esculto-pintura”, um legado, anteviu o aparecimento gradual da inserção das engenharias computacionais, propulsoras de uma nova ordem técnica. Neste enlevo, denota-se o surgimento da cultura dos games, das impressoras 3D e das engenharias 4.0.

Já com outro approach o também arquiteto, professor José Kinceler, amigo saudoso, apontou para a relação do fazer, envolto na transitoriedade da matéria, imbuído de um nexa à emergência do fazer a arte socialmente engajada. Comumente deflagrada como ‘Arte Relacional’, uma via que transcende a objetificação da arte, para “a arte de fazer amigos”. Desta dita, como partilha coletiva radical, fluindo ao sabor dos transbordamentos dos saberes a favor da aventura, dentre as novas modalidades de arte pública de novo gênero, incidindo-nos por entres práxis artísticas irruptivas e itinerantes.

Por fim, a lembrança última de outro amigo que nos

deixou precoce e recentemente, o jovem Murilo Scóz. Sua aparição inicial nos remete a felicidade de ter um aluno excepcional que após um ‘périplo’, tornou-se nosso colega e amigo muito estimado. Tive o privilégio de dividir a experiência do ensino no curso de Design, agora meu querido aluno tornara-se meu colega professor, aulas memoráveis. Nosso talentoso egresso dedicado alçou voo na ciência da linguagem semiótica, tornou-se um pesquisador de calibre. Deste jovem promissor fica para sempre seu exemplo cortês e dedicado que no auge do seu arroubo intelectual nos deixou. Com certeza sementes frutificarão a partir da sua memória, dado a ‘fina pena’ com que tecia análises profundas nos limites discursivos estruturantes das imagens em circulação. Despedir-se tão de repente do nosso amistoso e profícuo convívio, nos faz olhar para a finitude com outros olhos...

Assim sendo, no intuito de nos despirmos das vaidades e afugentarmos as fragilidades inerentes ao ser, para quem sabe, possamos desfrutar desta riqueza transitória, mas perene, trouxemos este pequeno relato dessas criaturas maravilhosas e seus legados. Mesmo que breves, possam restaurar, para além de uma busca individualizada no conagraçamento do mundo das ideias, a liberdade partilhada. Que estes pequenos estilhaços aqui rememorados, que de tão especiais voltar-nos-emos para o humanismo volitivo que enseja nossas experiências vividas, em prol da comunidade acadêmica. Este organismo do conhecimento construído sob a égide do conviver entre diferentes é o nosso mais valioso presente e futuro. Nesse corpo funcional, por entre técnicos, alunos e professores, busquemos somar enfim as nossas melhores volições. Despertando-nos o que há de melhor em nosso Centro de Artes, nesta rica ‘aventura’ com que perfazemos os desejos de nos locupletarmos em um ambiente expressivamente plural, criativo e original, como é o nosso Ceart! ■

João Calligaris Neto é professor do Departamento de Design Gráfico da Udesc Ceart.

The logo features the number '35' in a large, bold, sans-serif font. The '3' is white with a red shadow, and the '5' is red with a white shadow. Below the number, the word 'ANOS' is written in a smaller, red, sans-serif font. The entire logo is centered within a white square frame.

35
ANOS

CENTRO DE ARTES • UDESC

EDUCAÇÃO CULTURA EXCELÊNCIA

Artes Visuais • Design Gráfico • Moda
Design Industrial • Música • Teatro



revista de distribuição gratuita

